

A romantic couple embracing outdoors. The woman, with long brown hair and her eyes closed, rests her head on the man's chest. She is wearing a grey textured sweater and a pearl earring. The man, with short brown hair and a beard, is wearing a dark jacket over a light blue shirt. His hand is on her shoulder. The background is a soft-focus outdoor scene with water and hills.

Uma
Música

PARA NÓS



JOSIANE VEIGA



Uma
♪ música ♪ para
NÓS

É proibida a distribuição total ou parcial dessa obra sem a prévia autorização da autora.

Todos os direitos pertencem a Josiane Biancon da Veiga

Esta é uma obra de ficção, qualquer semelhança com nomes, pessoas, factos ou situações da vida real terá sido mera coincidência.

ISBN: 9781973353034

Sinopse

A música de Miguel salvou sua vida...

Beatriz Martins não se importava com as críticas à sua vida de tiete. Seguir e idolatrar Miguel Lins era tudo que ela tinha. As canções do cantor haviam lhe salvado no seu pior momento, e agora vivia por ele.

Ao descobrir que o astro havia ido às montanhas para um descanso merecido, ela o seguiu, a fim de tirar algumas fotos e observá-lo de longe. Contudo, ambos acabaram presos no lugar.

Os dias que pareceram um paraíso lhe indicaram um homem sádico, de temperamento difícil e palavras felinas. Sua decepção, contudo, lhe trouxe mais que memórias.

Restou a ela um laço: Sam, seu pequeno filho, que a ligaria para sempre ao famoso artista.

Sumário

[Dedicatória:](#)

[Nota da Autora:](#)

[Capítulo 01](#)

[Capítulo 02](#)

[Capítulo 03](#)

[Capítulo 04](#)

[Capítulo 05](#)

[Capítulo 06](#)

[Capítulo 07](#)

[Capítulo 08](#)

[Capítulo 09](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[DEMAIS LIVROS DA AUTORA](#)

Dedicatória:

A cada leitor que sempre acredita nas minhas histórias e nunca deixa de acompanhá-las.

Nota da Autora:

Uma autora de histórico escrevendo contemporâneo? Podem ter certeza que não há nada mais difícil para mim do que sair dos tempos antigos e adentrar na era atual. Talvez porque, como uma escritora de livros de época, eu tenha valores semelhantes aos meus protagonistas. E, esses princípios se perderam nos dias de hoje.

Contudo, ao saber que a saga dos Reinos, Livro 6, se aproxima, precisava respirar outros ares antes de voltar ao reino de Esmeralda. Então, dessa maneira, decidi escrever algo completamente fora do meu padrão.

Já tem algum tempo que defini à minha carreira fazer livros rápidos. Não que não há satisfação nos livros longos (Kinshi na Karada é minha obra máxima e é extremamente lenta e longa, e A Insígnia de Claymor caminha a passos vagarosos pela inquisição), mas compreendo que a internet trouxe uma leva de leitores que buscam histórias que consigam serem lidas sem muita enrolação, ao mesmo tempo em que consigam adentrar seus corações.

Eis aí o novo. O desafio do escritor atual. Emocionar sem enrolar.

Provavelmente, pelos rankings conquistados com meus livros históricos, eu tenha conseguido o objetivo em meus livros corriqueiros. Contudo, como profissional, cabe a mim desempenhar esse papel fora da minha zona de conforto, também.

Um desafio... Sempre é importante.

Beatriz e Miguel são desafiadores desde os primórdios. Personagens incomuns, mas humanos. Miguel é uma faceta de Shin (Kinshi na Karada), Esmeralda e Iwan (Saga dos Reinos), enquanto Beatriz é um pedaço de mil personalidades que encontrei em fandoms dos quais participei.

É uma história sobre desamor. E amor. Idolatria e queda. Recomeços. Recomeçar é um pedaço da vida. Não é um enredo baseado em grandes acontecimentos, e sim pedaços de vida.

Dezembro, 2017

Josiane Biancon da Veiga

Capítulo 01

B e a t r i z

Trinta anos é uma idade enigmática.

Há alguns séculos, significava que era hora de você bater as botas, morrer, enfim, estar velho demais para ter qualquer utilidade. Não que isso seja surpresa. Chegar aos trinta anos no período medieval, onde a higiene era precária e as pessoas tinham orgulho de ostentar piolhos na cabeça, trinta anos parece tempo mais que o suficiente para suportar tamanho martírio.

Nos tempos atuais, significa que você não é mais tão jovem, que está na hora de definir sua vida; ao mesmo tempo, também indica que ainda não está velho o suficiente para se sentir um fracasso completo e que tem tempo para cometer algumas loucuras.

Trinta anos.

Beatriz Martins lembrava-se de uma tarefa de escola onde a professora indagava como você se via aos trinta anos. Na época, ela dissertou sobre uma vida de famosa, casada com alguém importante, e tendo um casal de filhos. A definição do sucesso.

Soubesse a pequena garota de que nada seria como imaginava, talvez não tivesse criado tantas expectativas.

Desde os quinze anos, ela completava os aniversários sozinha. Não tinha amigos, não porque fosse desagradável, mas sempre ficava muito nervosa quando precisava falar com alguém. A timidez era um fardo pesado.

A família? A mãe casou-se novamente tão logo o pai morreu e ela não teve muito espaço no novo núcleo familiar.

Formou-se em administração, conseguiu um emprego estável em uma

firma, mas os colegas a viam apenas como a chefe sem graça que cobrava deles as metas designadas pela presidência.

E o tempo foi passando... Sem amigos, sem família, sem namorados. Uma vida feita em ser a primeira a chegar ao trabalho e a última a sair.

Porém, naquele aniversário de trinta anos, ao cruzar pelos corredores largos da empresa, ela aguardava qualquer felicitação. Havia um cartaz lá com o nome e a data de aniversário dos funcionários (Ideia dela! Havia se convencido há alguns anos de que ninguém lhe cumprimentava porque simplesmente não sabiam a data). Contudo, nem mesmo a própria secretária lhe deu os parabéns.

Esperou, então, um telefonema da mãe. Não aconteceu. Deu-se conta de que não fazia diferença naquele vasto mundo. Ela não era ninguém.

Se sumisse, a empresa acharia alguém para substituí-la e pronto. De resto, ninguém sentiria sua falta ou choraria sua morte.

Foi assim que ela foi parar no topo do edifício de cinco andares.

Olhou para baixo, sentindo lágrimas nos olhos. Sabia ser covardia, mas, ao mesmo tempo, parecia um alívio intenso. O fim daquela voz na sua mente a declarar, a cada segundo, o quanto ela era fracassada.

Abaixo, os carros andavam com a costumeira pressa pela avenida movimentada. Pareciam formigas a atingir sua meta.

Beatriz não tinha metas. Sua rotina seguia apenas um padrão de acordar, trabalhar, voltar pra casa, e dormir novamente.

Deu um passo em direção ao vazio, estancou.

Sabia que não queria morrer. Ninguém nunca quer. Tudo que ela desejava era algo a se agarrar, qualquer coisa que a motivasse a continuar respirando.

As lágrimas deslizaram pela sua face pálida.

Parecia uma figura patética, com suas roupas de inverno pesadas,

escuras, parada no alto do prédio, a olhar para baixo e chorar.

Se conseguisse se ver... Ah, se ela conseguisse...

Talvez percebesse que tinha lindos olhos azuis, tão brilhantes quanto o céu. Que a pele era bonita, bem cuidada, e que o corpo, apesar de comum, trazia uma feminilidade latente que sempre fazia as cabeças girarem na rua.

Também saberia que era amorosa. Se alguém abrisse um espaço mínimo e a deixasse entrar, ela seria uma excelente amiga. Era leal e valorizava as pessoas.

Mas, Beatriz não conseguia ver nada além da própria dor. A dor de não ter ninguém. A dor da solidão.

Porque as outras dores, ela enfrentaria. Ela medicaria. Mas, aquela dor do vazio, aquela dor era insuportável e sem cura.

“Por que está fazendo isso, minha pequena dama?”.

O som melodioso de uma voz simplesmente perfeita chegou aos seus ouvidos.

Um carro de som passava na rua, e no intervalo de uma das propagandas, deixava uma música popular a tocar, chamando mais a atenção das pessoas.

“Você é tão linda, minha pequena dama”.

Ela conhecia aquela voz: Miguel Lins. Atualmente, o cantor nacional mais famoso do país. Era gaúcho, como ela. Nascera e crescera em Porto Alegre, mas, ao contrário dela, venceu na vida e agora desfilava na imprensa com lindas mulheres e muito dinheiro.

Esse pensamento foi apenas franco. Beatriz não o invejava. Ele merecia isso. Suas músicas eram consideradas a nova música popular de qualidade, antes representada por lendas como Cazuza ou Renato Russo. Suas letras impecáveis, sua voz majestosa, lhe deram os frutos merecidos.

Concentrou-se novamente em seu suicídio. Respirou fundo.

“Se você soubesse o quanto seu sorriso é importante...”.

Cobriu os ouvidos. Não queria aquelas palavras... Não!

“Alguém, em algum lugar, algum dia, irá vê-la de verdade, e então você será o mundo de alguém, minha pequena dama”.

Beatriz recuou, os braços caindo em volta do corpo, o choro sufocado a escapar dos lábios. Subitamente, caiu de joelhos e ouviu o restante da canção.

“Enxugue suas lágrimas, e lute. A vida vale a pena, minha pequena dama”.

Sem saber ou desejar, Miguel Lins salvou a vida de Beatriz Martins naquele final de tarde.

E mais que isso. A mudou para sempre.

Capítulo 02

MIGUEL

Há alguns anos, em São Paulo, uma favela pegou fogo^[1]. Em meio a destroços e pilhas de carvão destruído, houve mais que sonhos arruinados e desespero de quem perdeu o pouco que tinha.

Um garoto, muito juvenzinho ainda, em torno de sete anos, tornou-se herói. Ao perceber a irmã presa em meio a um barraco, ele adentrou o fogo e salvou-a.

Inalou tanta fumaça que sua consciência o derrotou. Tornou-se vegetativo, em uma cama. Não levou muito tempo e seu ato corajoso foi esquecido. A vida tinha que seguir, inclusive para sua família. Logo foi abandonado, perdido em um leito hospitalar, sem visitas, ano após ano, aos cuidados de enfermeiras emocionadas e do Estado que ficou com sua guarda.

Miguel pensou no garoto enquanto visualizava uma carta da mãe. Ele havia visto aquela história na televisão, e não escondia que ficara emocionado.

Talvez porque em muito se assemelhava a dele.

Ao contrário da família do garoto herói, a dele, na época, tinha muito dinheiro. A mãe era uma importante representante comercial de uma indústria de laticínios, e o pai era gerente de uma revenda de automóveis. Ocupados demais para perceber a diabetes do tipo mellitus que ele herdou de algum antepassado, eles nada fizeram para tentar dar qualquer qualidade de vida ao filho.

Aos três anos, seus choros desesperados pela dor de estômago, suas náuseas, vômitos e estado nervoso era visto como birra para chamar a atenção.

Seu choramingo para ir ao banheiro o tempo todo era encarado como malcriação. Apanhava muitas vezes por causa disso e, por causa disso, acabou em uma cama hospitalar, em coma, quase morto.

Dinheiro para o tratamento, a família tinha. O que não tinha era tempo. De início, pagavam uma cuidadora, e iam visitá-lo em momentos de folga. Depois, a cuidadora foi substituída por uma viagem de segunda lua de mel à Paris e, por fim, ele foi deixado de lado, sem ninguém, também ao cuidado do Estado.

Os pais sumiram, mesmo diante do processo que o hospital moveu contra eles. Com bons advogados, levaram a causa adiante, até depois de Miguel se tornar adulto. Não que aquilo importava. O mal feito não tinha volta.

Depois do hospital, foi recolhido a um abrigo. Lá, um pastor evangélico fazia trabalho missionário com um coral. Logo foi percebido o incrível talento de Miguel para a música e ele tornou-se o principal cantor.

Num dos cultos que os meninos do orfanato foram levados para cantar, um produtor em busca de ajuda divina para suas dívidas encontrou na criança acanhada e pequena a resposta para suas preces.

Tornou-se uma barganha, logo cedo. Foi adotado na esperança de encontrar uma família. Logo percebeu que era apenas uma fonte de renda.

Não tinha vida. Cantava e treinava dias a fio. Logo fazia shows, apresentações na televisão, uma fama que ele não pediu, mas que era, de alguma maneira, bem vinda. Era assim que ele recebia um pouco de afeto, dos fãs.

Contudo, ser explorado logo despertou um lado sádico. Aos dezoito anos, se emancipou. O antigo pai adotivo chorou copiosamente em um programa de televisão, dizendo-se abandonado, que havia dado tudo ao garoto, e que agora era esquecido.

Miguel devolveu na mesma moeda. Cortou relações com o homem, encerrou seus contratos com ele, e descobriu em uma antiga colega de escola, Juliana, uma nova empresária que o fez subir ainda mais nos degraus da

fama.

Aos trinta anos já era o artista nacional mais famoso do país. Os shows eram tão frequentes que ele precisava recusar alguns. O dinheiro, contudo, não aliviava seu coração, e ele sempre sentia-se o menino abandonado nas noites de Natal.

Olhou mais uma vez a carta da mãe. Ela havia falido. O pai também. Sabiam que ele agora era milionário. Queriam seu apoio. Seu perdão.

Rasgou a carta.

Que fossem para a puta que os pariu.



— Eu não gosto de negros.

— Que coisa horrível de dizer, racista!

— Eu também não gosto de brancos, de indígenas, de asiáticos, nem de macacos, porque me lembram de humanos.

— Nem sei porque ainda te escuto. Como se você fosse capaz de gostar de alguma coisa...

— Bom... — breve pausa. — Eu gosto de gatos.

Tio Lu — um dos nomes de um enorme felino malhado que fazia companhia a mais de uma década ao artista — , ao ouvir as palavras, pulou para o colo do seu dono, que apenas acariciou os pelos macios enquanto segurava o telefone. Juliana, do outro lado da linha, bufava.

— Faz parte do seu trabalho dar entrevistas.

— Faz parte do meu trabalho, cantar.

— Ainda me pergunto como alguém com a voz tão angelical consegue ser tão filho da puta quanto você!

Ela estava realmente irritada. Miguel mal conseguia esconder o riso. Tirar a empresária do sério era um dos seus passatempos favoritos.

Naquela manhã a mulher ligou para avisar que haviam agendado uma entrevista num bonito hotel próximo da praia do Flamengo. Ele, apesar de morar no Sul, ia com frequência fazer shows no Rio de Janeiro, onde também costumava aparecer muito em programas semanais de televisão.

O apresentador da vez era um homem de meia idade, uma voz representativa do movimento negro, que queria entrevistá-lo por conta das músicas tocantes e humanistas que Miguel cantava. Uma revista internacional até o havia chamado de novo Bob Marley.

— Como você consegue escrever letras tão bonitas sendo assim? — Juliana insistiu.

— Eu sei lá — deu os ombros. — Eu só finjo que me importo.

A antiga colega de escola emudeceu por alguns segundos. Ela conhecia a história de Miguel Lins. E, acima de tudo, sabia que não devia pressioná-lo muito.

Afinal de contas, ela mesma só havia conseguido seu primeiro milhão por causa dele. Não seria justo dizer que Miguel era apenas seu ganha-pão. Ela realmente gostava dele, como a um irmão. Apesar das palavras sempre felinas, Miguel acreditava nela, confiou sua carreira a ela quando a jovem mulher negra de trinta e poucos anos era apenas uma garota saída da universidade sem quaisquer ofertas significativas de emprego ou futuro.

Miguel nunca a denegriu. Nem por seu sexo. Nem por sua cor. Quando ele dizia que não gostava das pessoas, não estava se referindo exatamente a ela. Juliana sabia disso. E não sentia raiva, apesar de o dizer. Compadecia-se, porque reconhecia o tormento no tom de voz.

— Que horas é a entrevista?

— Às duas da tarde — ela murmurou.

— Posso levar Lúcifer?

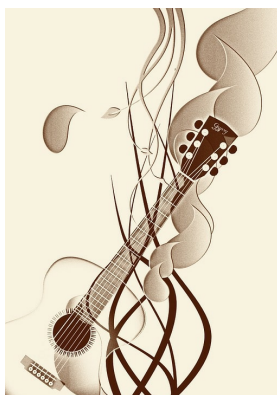
— Seu gato terá que ficar no quarto. Já pensou que escândalo seria se alguém soubesse que você tem um bicho com esse nome? Esses tempos li na *internet* que você só conseguiu o sucesso porque fez pacto com o demônio.

A gargalhada sonora indicou que ele adorou a história.

— Estou falando sério, Miguel!

— As pessoas adoram achar que existe um maligno a espreitá-las. Deve ser prazeroso ser ignorante o suficiente para desconhecer que o mal está dentro delas.

Aquela conversa era complexa demais, e Juliana simplesmente encerrou a ligação. Esperava que seu agenciado não fizesse nenhuma besteira na entrevista da tarde.



Contudo, Miguel Lins, o famoso cantor que liderava as paradas de sucesso com suas músicas impactantes e, às vezes, românticas, sempre colocava sua máscara de bondade diante de qualquer pessoa da imprensa.

Conhecia bem aquele ninho de cobras. Mas, ninguém era tão serpente quanto ele.

Apertou com força a mão de Hector, o apresentador, e seguiu todas as

recomendações e pedidos do homem como se fosse um jovem humilde e doce.

A entrevista girou em torno de sua carreira de sucesso, e na viagem à Bariloche que Miguel desejava fazer em junho.

— Um momento só, consigo mesmo? — Hector apontou.

A câmera focou no rosto sorridente de Miguel.

— Para compor novas músicas. Trazer a minha arte para expressar meu desejo de paz entre as pessoas.

Juliana, atrás de um dos câmeras girou os olhos. Quantas vezes Miguel havia dito que, caso pudesse, provocaria o apocalipse?

— Para encerrar, está solteiro, não?

Miguel sorriu, afirmativo. Transar com toda mulher que se mostrava disponível não era, definitivamente, um compromisso.

— E o que uma mulher precisa fazer para chamar a sua atenção?

Ele pediu uma pausa, e a cena foi cortada.

— Desculpe-me, qual é mesmo o nome do seu programa? — indagou ao apresentador.

— Manhã Informativa.

— Ok. Pode voltar a gravar.

A câmera ligou e Hector repetiu sua última pergunta. A resposta quase fez Juliana vomitar:

— Mulheres que assistem Manhã Informativa.

Capítulo 03

B A R I L O C H E

— Oh, meu Deus, ele está tão lindo nessas fotos — Fabio declarou, enquanto surtava do outro lado da linha.

O ano que se sucedeu após a fracassada tentativa de suicídio de Beatriz acabou por se tornar o mais feliz da sua vida.

Ela lutou para descobrir algo a que se agarrar. Tornar-se fã de Miguel Lins foi exatamente à resposta procurada.

De começo, buscou as músicas. Em especial a “*Pequena Dama*”, a canção que a havia feito desistir de pular do prédio. Depois disso, conheceu pessoas na *web* que também curtiam o artista. Não levou muito tempo, e já tinha um melhor amigo, Fábio, um rapaz gay extremamente divertido que morava em São Paulo e compartilhava com ela todas as informações que conseguia sobre o cantor.

Da noite para o dia, a mulher triste e sem rumo descobriu um foco de vida, amigos, e uma comunidade. Era agora membro do fã clube, tinha fotos e pôsteres de Miguel Lins colocados em todos os cantos do apartamento, e no trabalho, ela ostentava com orgulho uma foto do cantor ao lado do computador.

E daí que a olhassem com a estranheza de que parecia estar regredindo a uma adolescente apaixonada? Estava tão feliz com aquele amor platônico que a opinião das pessoas não tinha o menor valor para ela.

Afinal, ninguém se importou quando ela estava triste. Agora que parecia a pessoa mais feliz do mundo, a censuravam?

— Você soube que ele vai passar alguns dias em Bariloche?

A pergunta de Fábio fê-la meditar.

— Ele não iria fazer um show em Florianópolis?

Ela guardava, há meses, dinheiro para ir vê-lo em Santa Catarina.

— Foi cancelado depois da turnê na Europa. Parece que ele está super cansado e quer ir ficar sozinho nas montanhas nevadas da Argentina. — Fábio ficou em silêncio alguns minutos. — Isso não é perto de Porto Alegre?

— Você já olhou um mapa mundial? Eu nem sei onde fica!

Estava em casa, sentada diante do computador. Logo, abriu uma tela, buscando no *google* a distância entre sua cidade e Bariloche.

— Meu Deus, são quase 40 horas de carro.

— Se eu pudesse eu iria... — Fábio murmurou. — Mas, meu chefe não vai me dispensar...

Beatriz estava de férias e com um dinheirinho guardado. O carro popular que ela comprou em longas prestações estava com a manutenção em dia. Quase três mil quilômetros a separava de ver Miguel Lins. Quem sabe até tirar uma foto com ele e contar ao homem o quanto ele era importante em sua vida.

— Eu irei — ela decretou, ao telefone. — Claro, vou gastar minhas economias, terei que dormir em hotéis a beira da estrada, e até cruzar a fronteira, mas eu irei!

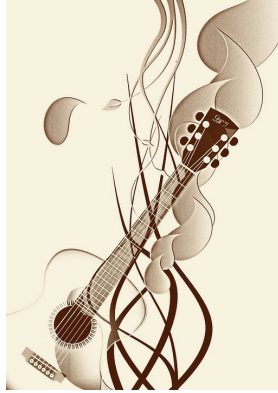
— Você sabe falar espanhol?

— É quase igual a português! Eu me viro!

Do outro lado da linha, ela ouviu palmas.

— Eu te invejo e te admiro muito.

O sorriso de Beatriz indicava que ela estava orgulhosa da decisão.



Juliana observou o palacete de dois andares no meio do nada, cercado por neve e distante quilômetros da cidade mais próxima.

— Como nunca reparei que você é um doente mental? — ela murmurou ao amigo, que sorriu diante das palavras.

— Eu odeio as pessoas

— Você diz isso todos os dias. Mas, ficar sozinho num lugar aos pés da Cordilheira dos Andes não me parece muito sensato.

— Lúcifer ficará comigo.

O gato malhado parecia sorrir diabolicamente diante das palavras ditas.

— Isso foi macabro — Juliana apontou.

— Stephen King também ficará comigo. Comprei um exemplar de *Misery* para ler nesses dias em que estarei sozinho para compor.

— Ok, isso realmente é estranho — decretou. — Você sabe que esse livro tem uma tradução que se chama Louca Obsessão e fala de uma fã psicopata que sequestra o ídolo no meio do nada, e o mantém cativo para fazer dele o que quiser?

— Se aparecer uma fã louca querendo sexo estou à disposição.

— A fã era tão louca que até quebrou os joelhos do ídolo para impedi-lo de fugir.

— Se ela for gata e querer sexo, eu não irei fugir.

Juliana levantou as mãos para o céu como se buscasse forças.

— Enfim, você é adulto e sabe o que faz. Espero vê-lo daqui a algumas semanas com um bom repertório.

— Pode dizer o que quiser, mas sabe que eu sempre cumprio minhas metas. Estarei com as músicas prontas em duas semanas.

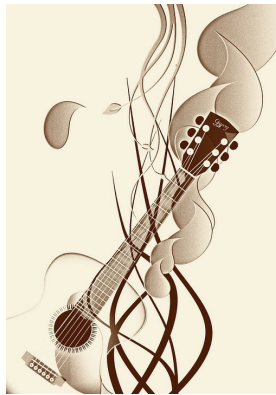
— Tem certeza? O estúdio...

— Um monte de baboseira sobre amor entre as pessoas, e a paz mundial... Ah, por favor, como se você não soubesse que sou ótimo em afagar egos humanos, fingindo que as pessoas podem ser boas e que o mundo tem solução.

Diante disso, a agente resolveu deixá-lo.

Cruzou a porta sem se despedir, e foi em direção ao carro. Aquelas duas semanas de descanso para Miguel Lins também seriam uma merecida folga para ela.

Ninguém imaginava como era difícil aguentar o temperamento do artista.



Miguel Lins não costumava se olhar no espelho com muita delonga. Na verdade, ele não tinha a menor vaidade. Nem para seu corpo, nem para sua alma.

Era bonito, mas deixava aos maquiadores e profissionais que o seguiam o papel de arrumá-lo para melhor se apresentar. Grande, quase um metro e

noventa, cabelos escuros, olhos amendoados, a pele pálida, ele era um típico homem do Sul, com uma barba rasa e uma postura arrogante e altiva, de quem sabia o que viera fazer no mundo.

Descendia de portugueses, não que isso importasse. Nada importava.

Nem mesmo o violão que ele agora segurava enquanto pensava em melodias.

Escrever as letras era relativamente fácil. Era um dom. Mas, um dom que ele mantinha à uma distância emocional segura.

Era difícil chorar. Subitamente, pensou nisso. Qual a última vez que derramou uma lágrima? No hospital... Quando lhe avisaram que os pais não viriam mais...? Provavelmente.

“Sozinho...” murmurou, enquanto os dedos escorregaram pelas cordas.

Dó – ré...

Aprendeu a tocar no orfanato. Aprendeu muitas coisas naquele lugar. Normalmente, abrigo de menores eram escolas da vida, assim como cadeias.

“Sozinho... Posso ouvir o som da minha respiração...”.

O gato pulou em cima da bancada onde a caixa de som estava. Ele encarou Lúcifer e sorriu.

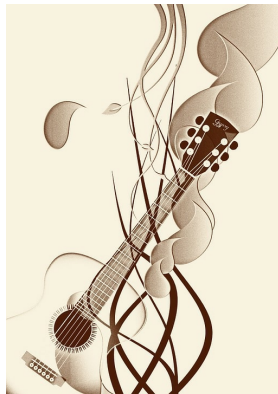
— É um lixo, eu sei — disse, dando os ombros. — Mas, lixos dão dinheiro.

O gato miou. Comida. Obviamente, comida. Era assim que Lúcifer o via. Uma fonte infinita de ração. Era por isso que Miguel gostava tanto do animal. Não precisava esperar nada dele, além da sua lealdade por conta do alimento.

— Lixos pagam sua ração úmida — continuou, largando o violão e caminhando até o armário. Pegou a lata e a abriu. Derramou em um pote a gosma marrom que Lúcifer tanto gostava.

— Lixos também pagam essa luxuosa casa aos pés da montanha, onde, isolados, podemos ser nós mesmos.

O gato não o ouviu. Entretido com a comida, ele sequer o encarou quando o músico voltou a pegar o violão.



— *¿El cantor?*

Beatriz sorriu para a senhora de meia idade enquanto olhava para o mapa enorme que a levava até ali.

Ela já estava na estrada há dias. Jamais imaginou que o caminho que a levaria até Bariloche era cercado por montanhas rochosas e um deserto desafiador.

Tudo que tinha para orientá-la a chegar perto de Miguel Lins era as informações que Fabio passava para ela por *WhatsApp*.

— A agente dele postou uma foto da casa. Eu pesquisei no *google* e fica bem isolada, na estrada norte de Rio Negro.

Aquilo não dizia muito, mas enfim era tudo definitivamente uma grande aventura. Nos dias que se seguiram sua saída de Porto Alegre, ela cruzou pela Serra Gaúcha e suas paisagens surreais. Parou em restaurantes a beira da estrada, divertiu-se conversando com caminhoneiros, dormiu em alguns hotéis no interior, até cruzar a fronteira em Porto Xavier através de uma balsa que levou também seu carro.

Foi a mais louca experiência de sua vida. Aliás, era uma vida inteira em poucos dias, tamanha intensidade. Agora, estava em um país

desconhecido, conversando num portunhol vergonhoso, e fazendo amigos. Em nada se assemelhava a antiga e tímida Beatriz. Miguel Lins a havia mudado de todas as formas.

A mulher do bar a beira da estrada lhe deu as indicações necessárias. Aliás, com ela alugou um quartinho, e preparou-se mentalmente para espionar Miguel Lins por todos os dias que ele estivesse ali.

Ah, se conseguisse vê-lo... Mesmo de longe... O quão incrível aquele homem deveria ser? Como seria longe das câmeras uma pessoa capaz de escrever músicas tão tocantes e maravilhosas?

O sol já estava no poente e a neve começou a cair com intensidade quando Beatriz estacionou o carro próximo do local indicado pela mulher. Ao longe, ela viu uma casa, mas não queria se aproximar. Se ele a visse, provavelmente chamaria a polícia.

Tirou uma foto e mandou para Fábio.

“É essa a casa?”, questionou.

Levou alguns segundos e veio uma *gif* de uma mulher gritando e uma mensagem que resumia tudo:

“Viada! Você conseguiu!”

Aquilo a estancou. Então, ali, há alguns metros, estava o homem que havia mudado sua vida. Emocionada, ela voltou para o carro, e permitiu-se lacrimejar um pouco.

“Não sei se conseguirei ir até lá”, escreveu, em resposta. *“Estou muito nervosa”*.

O aviso vermelho de não enviado piscou na tela. Percebeu que o sinal havia caído, à medida que a neve tornava-se mais tensa.

Devia voltar para a pousada, mas decidiu dar uma espiadela antes.

Saiu novamente do carro e adentrou entre as árvores que circundavam a mansão sem cercas.

Os passos a guiaram até o palacete, e ela o observou, tentando ver algum movimento.

— Lúcifer!

A voz e a palavra a assombraram tanto que ela quase gritou. Era Miguel Lins!

Peraí...

Miguel Lins era satanista?

O choque e a confusão a fizeram retroceder. Não estava preparada para aquilo.

— Lúcifer, onde você está?

Viu Miguel Lins ao longe. Ele estava vestido um roupão de lã e parecia exausto. Olheiras, cara de bêbado, completamente oposto ao homem maravilhoso que estampava as capas de revistas.

Então, veio um grito.

Beatriz notou a queda e preocupou-se.

Miguel Lins podia adorar o diabo, mas ainda era o homem que havia salvado sua vida. Ela avançou. Iria ajudá-lo como pudesse.

Capítulo 04

SALVAÇÃO

Maldito gato safado!

Miguel não costumava prender Lúcifer. O animal tinha sempre uma liberdade um tanto desconhecida, pois era castrado e gordo o suficiente para não querer sair do lugar.

Naquele ambiente cercado pela neve, Miguel esperava que o gato não fosse afastar-se da lareira, enquanto ele trabalhava nas músicas.

Bebeu muito conhaque, fumou alguns cigarros, e pôs-se a escrever sobre amor e empatia.

Estava na moda. Queria vender ideias? Bastava amaciar as minorias e fingir-se de bonzinho. Juliana até sugeriu que a capa do novo CD fosse um casal gay inter-racial. A sociedade “intelectualizada” iria adorar.

Concordou com ela, na época. Porque, afinal de contas, ele não se importava. Aliás, a única coisa que agora lhe fazia franzir a testa era o gato fujão que pareceu-lhe, no momento em que o perdeu, uma peça importante demais para sua vida solitária.

Ok, admitiria. Estava desesperado. Não sabia o que faria sem o gato. Estava até considerando se matar quando acabou escorregando na neve e caiu em um buraco.

— *Boceta!* — xingou, puto da vida, percebendo que havia torcido o tornozelo.

Quando recuperasse Lúcifer, iria bater no gato! Claro, não sem antes enchê-lo de beijos.

— Olá! — ouviu um tom feminino, e simplesmente estancou.

Não havia nada nem ninguém a quilômetros de distância. Estava ficando louco ou realmente uma mulher surgiu entre os focos de neve, como no livro de King?

Ergueu a cabeça e percebeu a aproximação.

— Olá? — ele respondeu, um tanto preocupado.

O que diabos era aquilo? Quem era aquela mulher? A ideia de uma louca obsessiva atrás dele logo lhe atingiu.

— Precisa de ajuda? — ela indagou.

Era brasileira. Pelo sotaque, do mesmo Sul que ele. Uma fã apaixonada ou uma turista perdida?

— Preciso?

Era melhor apodrecer naquele buraco cheio de neve ou deixar que uma neurótica lhe quebrasse os joelhos?

Estudou as opções. A mulher tinha em torno de trinta anos, bem apessoada, não uma diva ou modelo padrão como as que ele costumava transar, mas até que não seria todo mal dormir com ela.

É, a “*Louca Obsessão versão Pornô*” que imaginou não parecia uma má saída.

— Vou te ajudar — ela declarou. — Não o julgo pela sua religião — disse, em seguida, parecendo olhar em volta.

Religião?

— Estou sem sinal para chamar ajuda, mas vou buscar uma escada ou corda. Sabe se tem alguma por aqui?

— Eu vi uma escada na garagem...

Ela sumiu. Voltou alguns minutos depois e colocou a escada no buraco.

Apesar do tornozelo machucado, Miguel fez um esforço e conseguiu subir.

A neve começou a despencar como chuva, e ele precisou firmar-se na mulher para seguir até a casa.

— Eu sou sua fã — ela contou, e aquilo o arrepiou. — Eu te amo — declarou-se, rapidamente, sem o menor constrangimento.

“*Louca Obsessão versão Pornô*” tornando-se realidade.

— É mesmo?

A porra do tornozelo estava doendo muito. Enfim, entraram na casa e ele conseguiu se jogar no sofá.

— Eu vim até aqui para tentar tirar uma foto com você...

Ele assentiu, ansioso para que as coisas se resolvessem logo. Que ela fosse embora ou que fosse para sua cama. Contudo, havia o tornozelo latejando e ele percebeu que estava completamente a mercê da desconhecida.

— Preciso ir ao médico ver esse tornozelo — murmurou para ela.

— Meu carro está na estrada, vou buscá-lo.

— Espere! — Interceptou-a. — Não posso deixar Lúcifer perdido por aí...

Houve um relance de choque nos olhos claros da moça. Ela abriu a boca, parecendo incerta do que dizer.

— Eu te respeito muito — ela disse, e Miguel pôde sentir o tamanho da admiração e amor que havia na voz. — Eu te amo, você é meu ídolo. Mas, perdoe-me mesmo — destacou —, jamais o julgarei por ter feito um pacto com o diabo, mas eu não vou ir à mata atrás do capiroto.

Miguel apertou os olhos tentando compreender as palavras. Subitamente, não sabia se ria ou se chorava diante de uma pessoa tão lerda.

— Sou fã de *Supernatural* — explicou.

— *Supernatural*? É um culto?

— É uma série famosa! Você não vê TV?

— Só assisto quando você está em algum programa.

Ele suspirou.

— Enfim, Lúçifer é um personagem da série e também é o nome do meu gato.

A mulher arregalou os olhos, parecendo compreender a gafe de forma lenta.

— Oh! — ela murmurou. — Certo! — Agora havia alívio em seu tom. — Mas, você sabe... O gato está atrás de você.

Ele voltou-se para próximo do sofá e lá estava Lúçifer, o encarando como se ele fosse o idiota que era. Sentiu o sangue subir e uma raiva absurda tomá-lo.

— Vou buscar o carro — ela repetiu, e ele assentiu.

— Obrigado. Qual seu nome?

O sorriso diante dele foi extremamente iluminado. Ele sentiu aquilo, e a vivência foi como um despertar dos mortos.

— Eu sou Beatriz. Sua fã número um.

Era uma verdade inquestionável.

Capítulo 05

A NOITE FRIA

Miguel Lins era maravilhoso. E não era satanista! Enquanto entrava no carro, Beatriz sorriu, feliz, pela alegria da honra de ter tocado nele, ajudado ele, enfim, estado presente num momento em que ele necessitava de alguém.

Mesmo cheirando a bebida e a tabaco, ele ainda tinha um odor amadeirado maravilhoso, e, pelos céus, como era lindo. Queria ter tirado mil fotos para mandar para Fábio, mas temia ser rechaçada pelo artista.

Afinal de contas, ele era muito famoso e gente querendo fotografias dele devia fazer parte de sua desgastante rotina. Mesmo assim, ela não sairia dali sem conseguir uma foto com o cantor.

Já imaginava o pôster que iria fazer. Colocaria na sua sala de estar. As meninas do fã clube iriam morrer de inveja.

Torceu a chave da ignição. O automóvel não deu nem sinal de vida. A neve estava tão intensa que ela nem saberia se conseguiria sair dali sem atolar os pneus.

Por alguns minutos, ela fez de tudo. Mas, o carro parecia morto. A parte elétrica havia dado adeus e, subitamente, desesperou-se por não poder ajudar Miguel Lins.

Voltou para a casa.

— Meu carro não quis pegar — explicou-se rapidamente. — O seu está aí?

— Tem um carro alugado na garagem, mas duvido que ele consiga transitar sem cadenas.

— Sem o quê?

A testa de Miguel enrugou, como se a estudasse.

— Quantas vezes você já veio a Bariloche?

— É minha primeira vez — ela explicou. — Eu vim para vê-lo, tentar tirar uma foto.

Ou era extremamente ingênua e sincera, ou era uma louca idiota. Ambas as opções o fizeram rir.

— Cadenas são uma espécie de correntes colocadas nos pneus. Sem elas, é impossível dirigir em neve densa. — Deu um longo suspiro. — Não acredito que estou preso aqui com o tornozelo nesse estado. Por que eu não adotei um cão?

O gato sentiu a zanga do dono e saltou para seu lado. O carinho que recebeu na cabeça fê-lo notar que estava tudo bem.

— Eu... realmente não sei o que dizer... — murmurou.

— Pegue o telefone e chame uma ambulância — ele retrucou.

Seu tom mudou repentinamente para mau humorado, mas Beatriz ignorou. Estava se controlando para não saltitar diante dele. Quando seria o momento certo para pedir uma foto ao seu lado?

— Está mudo.

— Isso deve ser um pesadelo — Miguel murmurou. — E o celular?

— Sem sinal...

— Estamos presos aqui?

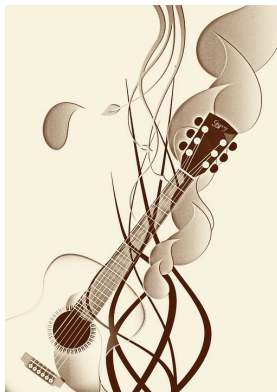
Só então ela percebeu que sim, estava presa com Miguel Lins no meio do nada.

Sua animação mal conseguia ser controlada. Tentou ficar séria, parecer preocupada, mas “*caralho!!!*”, era Miguel Lins ali, em carne e osso, e sem poder ir a lugar nenhum.

— Sinto muito — ela murmurou. — Vou pegar minha bolsa, sempre tenho remédios comigo...

E saiu.

Do lado de fora, ela olhou para os lados para constatar que realmente não havia ninguém. Diante disso, dançou feliz sobre a neve, cantarolando “*Pequena Dama*”, a música de sua vida.



— Não ficaremos sem luz porque a casa tem um gerador próprio, mas a rádio disse que é a pior nevasca em anos, e que todos devem evitar sair de casa.

Miguel desligou a pequena caixa onde um homem falava, nervoso, num espanhol rápido e olhou para a mulher que fazia uma atadura em seu tornozelo.

Ele havia se cortado. Na hora, nem sentiu. Mas, a medida que o corpo ia se acalmando da adrenalina da queda, começou a formigar.

Beatriz, sua salvadora, trazia em seu carro, além de malas e roupas, uma infinidade de remédios.

— Você é hipocondríaca? — ele questionou.

Ela riu.

— Eu sinto muitas dores. Trabalho num escritório, digito quase quinze horas por dia e desenvolvi Ler.

— Ler?

— Lesão por Esforço Repetitivo.

Ele assentiu, compreensivo.

— Disse que é minha fã.

— Sim, muito — ela sorriu. — Sou do fã clube.

— Normalmente minhas fãs são mais jovens. Você deve ser da velhaguarda — brincou. — Acompanha minha carreira desde o início?

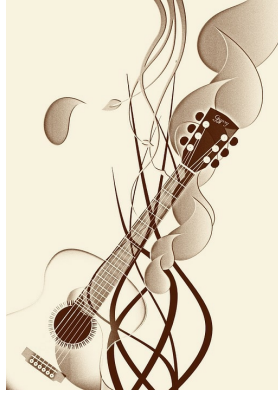
— Na verdade, eu conheci suas músicas há pouco mais de um ano. Mas, me encantei. São realmente importantes para mim. Elas me salvaram...

— Salvaram?

— Sim, de mim mesma.

Beatriz não queria contar mais que isso. Abrir o coração e narrar o que ela planejava fazer no seu aniversário de trinta anos era algo extremamente íntimo e vergonhoso. Agora, ela percebia o quanto. Havia um mundo para ser explorado e ser degustado. Uma natureza para ser admirada, pessoas para conversar... Miguel Lins havia aberto aquela possibilidade para ela.

Não percebeu, naqueles instantes, o quanto ele a julgou. Uma mulher já feita sendo fã de um artista, encarando-o com os olhos apaixonados de uma adolescente ingênua. Aquele tipo de pessoa parecia irreal, mas estava ali, diante dele.



Pela primeira vez na vida, Miguel Lins não pagou por um jantar.

Sentou-se à mesa e foi servido por uma comida diferente de tudo que já havia experimentado. Não algo feito em restaurante, por mestres da gastronomia, mas um alimento caseiro, feito diante de seus olhos, com muito afeto e atenção.

Algo simples, arroz, massa e carne. Mas, subitamente, tão saboroso como nada que ele já houvesse comido antes.

— Obrigada por me deixar ficar — ela disse, sentando-se diante dele.

— Para onde você iria? Seu carro não pega e estamos isolados.

— Mesmo assim, não era sua obrigação.

— Você me ajudou lá fora.

Beatriz sorriu.

— Estou feliz, porque você é exatamente o homem gentil que sempre imaginei.

Naquele instante, Miguel bebia uma taça de vinho. O líquido quase o afogou enquanto uma gargalhada súbita surgia nele.

— O que é engraçado? — indagou a mulher.

— Estamos presos aqui não sei por quanto tempo — ele murmurou. — Não me rotule até que me conheça.

Por algum motivo, aquela frase a arrepiou.

Capítulo 06

O DIA FRIO

Aquela cidade localizada no norte da Patagônia Argentina, na região dos lagos Andinos, fazia muito sucesso entre os brasileiros. Costumava ser visitada por famílias animadas, casais em lua de mel, e grupos enormes de estudantes buscando aventuras com esportes radicais. Bariloche era o destino incrível onde oferecia – quase sempre – o primeiro contato com a neve para pessoas que talvez nunca pudessem vê-la em cidades do outro lado do oceano.

Ah, Bariloche... Com suas montanhas altas, morros verdejantes no verão, brancos pela neve no inverno, um lugar de natureza privilegiada com charme europeu e carisma latino.

Mas, de todos os paraísos que ainda existiam na terra, Beatriz jamais imaginou viver o seu pessoal.

Ela dormiu num bonito quarto de hóspedes que era mais sofisticado e confortável que qualquer hotel cinco estrelas que já estivera na vida. Agora, tomava café da manhã ao lado do seu grande amor e ídolo, aquele a quem ela idolatrava mais que tudo.

Tinha tanto para falar para ele, tanto para ouvir dele... Mas, Miguel não parecia muito feliz ou disposto a conversar. Na verdade, ela mais se assemelhava a uma intrusa ali.

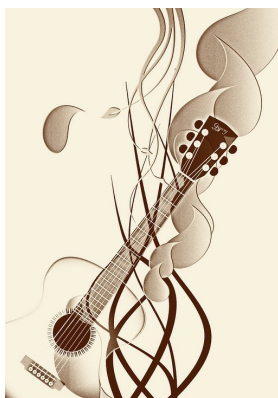
Não foi difícil perceber que ele gostava muito da solidão. Provavelmente, mil ideias de canções estivessem fervilhando em sua mente, mas ele as estivesse contendo por conta da sua presença.

— Eu sei que você veio para cá para trabalhar — ela disse, tão logo ele terminou de se alimentar. — Tentarei não atrapalhá-lo e ficarei no quarto.

— Faça isso — ele mandou, num tom felino, quase cruel.

Suas olheiras profundas indicavam que a noite havia sido péssima. Ainda mancava, mas ela havia trocado os curativos de manhã e seu tornozelo cicatrizara bem.

Então, apenas concordou e se afastou daquele tormento em forma de homem.



— Não consigo escrever... — ele murmurou a si mesmo, sentado no sofá, com o violão no colo.

Infelizmente, Miguel era assim. Ele precisava se programar para expressar sua arte. Normalmente Martini, cigarro e solidão. O Martini e o cigarro estavam ali, mas a solidão fora quebrada pela presença da fã.

Como era mesmo o nome dela? Ele mal havia prestado atenção quando ela lhe dissera.

Estava tão emocionada, como se estivesse diante de um deus. Mal sabia ela que Miguel beirava a bestialidade.

Mas, era doce... tinha um tom meigo...

“Doce...”

Deu um dó maior. Gostou.

“Doce e meiga como...?”

Sem perceber, começou a escrever pensando nela. Uma música romântica, como nenhuma outra. Não que lhe tivesse sentimentos, mas Miguel sempre escrevia com a falsidade das emoções. Por que não escrever algo fingindo que aquele encontro louco fosse obra do destino?

“Você é meu final feliz...”

Quase riu. Como se houvessem finais felizes naquele mundo torpe...

Corrigindo: como se houvesse realmente felicidade. O mundo vivia em busca de algo que só resultava em um único fim: apodrecer na morte.

Nem entendia o porque da vida... Viver apenas alguns anos para porra nenhuma e depois morrer e ser apagado pela história.

“Doce e meiga como a neve caindo do céu”.

Dó – Fá...

Ao menos ele deixaria um legado. Sempre falaria de Miguel Lins. Não do verdadeiro, mas daquele que ele encenava diante das câmeras.

“Eu passei a acreditar na felicidade depois que vi seus olhos azuis pela primeira vez...”.

O som de passos fê-lo interromper a composição. Volveu-se em direção a escada e percebeu a mulher.

— Desculpe, só vim pegar um pouco de água. Não quero atrapalhar.

— Não atrapalha... — ele murmurou. — Seu nome é...?

Ela abriu a boca, pasma. Obviamente, acreditou que ele guardaria sua alcunha em algum lugar do coração. Mas, era óbvio que Miguel esquecera-se dela tão logo ela se afastou.

— É Beatriz.

— É um nome bonito. Sabe o que significa?

Ela negou.

— Se eu tivesse internet, poderia pesquisar...

Por que era importante para ele saber o significado do seu nome? Beatriz tentou imaginar o que aquele homem queria dela, quando se lembrou de algo.

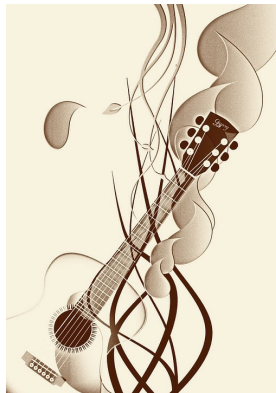
— Eu tenho um livrinho de nomes — murmurou. — Na bolsa.

— Sêrio?

— Eu escrevo fanfics, então sempre estou procurando nomes para suas namoradas.

A gargalhada dele a animou. Enfim, um pouco de simpatia.

— Traga seu livro aqui. Quero saber o que significa “Beatriz”.



— Origem do latim... — ela murmurou. — “Viajante”...

— Ora, é verdade, você realmente veio até mim através de uma viagem.

— “*Viajante que traz felicidade*” — completou, estendendo o livro para ele. — Ou “*Aquela que faz os outros felizes*”.

Era um nome deveras interessante. Ele já conseguia visualizar dezenas de canções com o tema.

— Minha mãe me deu esse nome por causa da Beatriz Segall. Ela gostava da novela “Sol de Verão”.

Aquele tom derrotado não passou despercebido para ele.

— Ela não sabia o que significava?

— Dificilmente ela me daria esse nome se soubesse. Na verdade, fui uma maldição para ela. Não queria se casar. Sabe como é, cidade pequena do interior gaúcho, anos 80... Uma mulher solteira, grávida? Então ela casou com meu pai... Ele era um cara legal, mas minha mãe...

Não prosseguiu. Não precisava.

— Mas, ao menos você tem um pai.

— Ele morreu de infarto antes de eu completar quinze anos. Minha mãe me enviou para um internato para estudar e depois se casou novamente. Tem uma família agora, dois filhos, um esposo que a agrada...

— Não tem espaço para você?

Como ele sabia?

— Você é filho adotivo, não é?

— O homem que me adotou só o fez porque queria agenciar minha carreira. Ficou rico me explorando da infância até o começo da vida adulta.

— Sinto muito.

— Eu também.

Miguel nunca havia dito aquilo a ninguém. Mesmo na imprensa, quando o julgavam por ter deixado o antigo empresário e pai adotivo, ele permanecia em silêncio. Agora, contudo, estava abrindo o coração para ela.

Beatriz...

Seus pensamentos descontrolados se guiaram àquela mulher completamente nua, embaixo dele. Como devia ser dormir com uma mulher

sem precisar pagar com dinheiro ou favores publicitários? Simplesmente, dividir o corpo com alguém como um ser humano comum?

Ser mais que uma carne cara... ser um homem real.

Ela sorriu para ele. Não porque imaginava seus pensamentos, mas porque se compadecia de seu passado.

— Incrível como você transformou toda a dor em força e a traduz em suas letras magníficas.

Repentinamente, veio à raiva. Estava ali, completamente desprotegido diante daquela presença. Quando deu-se conta disso, quis afastá-la e não poupou seus sentimentos em fazê-lo.

— Está enganada. Eu só canto por dinheiro, só escrevo minhas canções por lucro. Não sinto nada pelas músicas.

Capítulo 07

O ÍDOLO DE BARRO

Todo ser humano tem um montante de sentimentos dentro de si que o fazem exatamente como é.

Beatriz e Miguel, apesar de vivenciarem situações aparentemente iguais em suas respectivas existências, reagiram diferente à elas. A mulher era doce e grata pelo pouco que conseguira na vida. O homem era arrogante e sarcástico diante de seu sucesso.

Era como se o fracasso dela não fosse o bastante para desmotivá-la;

Era como se o sucesso dele não fosse o bastante para romper suas barreiras morais.

A dor era palpável naquela conversa. Ambos reconheceram, ambos pareciam dispostos a fugir dela.

Para Beatriz, era importante que ele não caísse de seu altar imaginário. Ele era a razão dela acordar de manhã, e era seu último pensamento antes de dormir. Para ele, sabê-la conhecedora de sua dor era o mesmo que torná-lo frágil e, frágil, ele já fora na infância, e havia sofrido muito por isso.

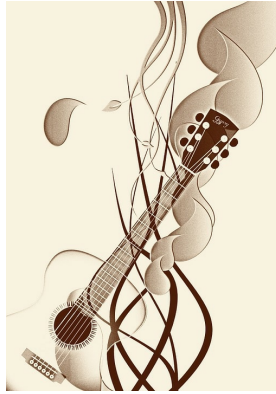
Abrir a alma, para ambos, era um risco. Beatriz estava segura na sua fictícia idolatria. Miguel estava confortável em um mundo onde ninguém poderia feri-lo porque ele jamais se abriria com alguém.

Abrir o coração, mesmo numa conversa com alguém que mal se conhecia, era um risco inevitável. Ambos sabiam. Sentiam. Ambos temeram.

— Sempre irei acreditar nas canções que canta — ela murmurou, levantando-se. — Desculpe interromper seu trabalho.

Naquele dia, Miguel não conseguiu mais compor. As canções

dedilhadas pelo lucro pareceram tão vazias quanto sua alma, e ele sentiu aversão a elas.



Enquanto os dias passavam e a neve se intensificava, mais e mais Miguel e Beatriz sentiam uma conexão profunda que parecia afundá-los em um mar revolto de emoções.

O que era? Atração? Quem sabe. Paixão? Talvez. Desejo? Provavelmente. Amor?...

O único sentimento que Beatriz acreditara que jamais sentiria era exatamente o que cruzava seus pensamentos conforme seus encontros com Miguel tornavam-se mais agressivos. As conversas sempre eram carregadas de simbolismos e dores. Ambos, entregues, acabaram confessando mais do que queriam. Ambos, destinados, fracassaram diante da muralha de seus egos.

— Me explica como...?

A indagação veio em uma noite gelada em que ambos estavam sentados diante da lareira, bebendo um cálice de vinho.

— É um dom. Basta encontrar as palavras certas.

Como alguém podia levar milhares de pessoas às lágrimas de emoção e não sentir absolutamente nada diante da própria dádiva.

— Você não faz ideia do que representa para as pessoas.

— Qualquer pessoa que fale as palavras adequadas tem o mesmo efeito.

— É diferente, Miguel.

— Um político em época de eleições motiva as pessoas ao ponto delas brigarem com parentes ou amigos. Um time de futebol, igualmente. Basta conhecer um dicionário e alinhar as palavras...

Beatriz sentiu as lágrimas emergirem nos olhos, e desviou o olhar de Miguel. Não queria sentir. Não queria que doesse.

— Quando entrei para o seu fã clube encontrei pessoas que conseguiram forças para lutar contra o câncer por causa de suas músicas. Outras, reataram casamentos que pareciam fracassados. Algumas outras sentem em suas palavras um apoio para não cair.

— É apenas um símbolo.

Beatriz queria negar aquelas palavras. Contudo, como retrucá-las sem revidar o segredo mais sombrio de sua mente?

— É mais do que isso — disse, contudo.

Silêncio. Lá fora, a neve parecia uma chuva mansa. Na rádio, comunicaram que em breve aquela nevasca passaria. As redes de transmissão estavam sendo consertadas e logo teriam telefone.

Era questão de tempo para se separarem. Beatriz não sabia se aquele encontro havia feito bem a ela.

Volveu novamente o olhar para ele. De súbito, viu-o. Não ao artista que ela adorava, mas ao homem amargo, triste, acanhado, que parecia sem nenhum futuro no olhar, sem esperança de nada...

Alguém como ela...

Alguém como ela fora um dia.

Ele a mudou. Ela devia aquilo a ele.

— Numa das noites você disse que não se importa com as pessoas, mas já que estamos aqui, sem nada a fazer, poderia ouvir minha história?

— Já me contou — ele retorquiu. — O pai morreu, a mãe casou-se novamente, você não tem ninguém.

— Ela não acaba aí.

Miguel bebeu mais um gole. Então, assentiu.

— Diga-me.

Não era realmente um pedido motivador, mas Beatriz respirou fundo e começou a falar:

— Quando eu completei trinta anos, eu me dei conta de que era tão solitária quanto um cachorro de rua. Não tinha família, não tinha amigos, não tinha um namorado, sequer alguém para conversar sobre banalidades. Não que eu fosse uma pessoa difícil, na verdade, sou alguém muito simples. Mas, eu tinha muita dificuldade de aproximação por conta da timidez. Simplesmente emudecia diante das pessoas, ficava nervosa em lugares movimentados e acostumei-me a passar as folgas assistindo televisão, sozinha. Parecia uma vida fácil, mas, nesse aniversário, em especial, eu surtei com o fato de que eu era alguém que poderia morrer sem fazer qualquer falta no mundo.

Ele riu, sarcástico.

— Diz um livro que li: *“O mundo é um grande sanitário onde aguardamos, em vão, Deus puxar a descarga”*.^[2]

Beatriz ignorou a frase de efeito.

— Então, eu simplesmente cansei. Não apenas do meu emprego, ou da situação que eu estava. Eu cansei de viver. Fui até o terraço do prédio e decidi pular.

O rosto dele voltou-se para ela.

— O que a impediu?

— Você.

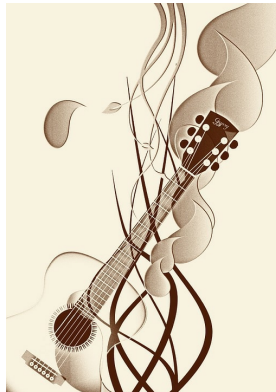
— Já era minha fã?

— Não. Eu só o conhecia de ouvir falar.

— Então... Como?

— “*Pequena Dama*” começou a tocar num carro de anúncios que cruzava a rua. Sua voz me salvou naquele dia, e sua presença me salvou nos dias que se seguiram. Eu conheci outros fãs seus, ganhei até um amigo... Adquiri coragem de pegar o carro e dirigir até Bariloche, e vim até você. Você me salvou para que eu, meses depois, conseguisse salvá-lo daquele buraco em que caiu. — Ela não mais impediu as lágrimas. — Pode acreditar que não há um Deus ou qualquer propósito na vida. Mas, algo ou alguém trouxe sua música até mim e ela me deu felicidade. Você diz que sua única motivação é o dinheiro, mas acho que esqueceu que há mais que dinheiro nos traços do seu dom.

Depois disso, ela se ergueu e rumou até o quarto. O olhar de Miguel voltou-se para a lareira e concentrou-se na chama que ardia nas brasas vívidas.



Quando ele desceu as escadas naquela manhã, encontrou Beatriz ao telefone.

Saber que as linhas haviam voltado e que o contato com o mundo afora retornou trouxe um pânico inexplicável ao homem. Naqueles dias em que as conversas com Beatriz tornaram-se uma rotina, ele experimentou algo alheio à solidão. Agora, perderia isso.

A perderia.

Não era assim a vida? Um montante de perdas?

— O seguro mandará um guincho para pegar meu carro — ela disse, tranquila. — Mas, por causa das estradas, será só amanhã.

— Então irá embora? — ele murmurou.

— Você deve estar aliviado — ela riu, brincando, sem saber que algo incendiou no peito masculino.

— Por que não fica mais uns dias?

A pergunta surpreendeu a ambos. Sabiam que haviam criado um laço diante de tantas confissões, mas a necessidade dele da companhia feminina era quase inacreditável.

— Eu terei que ir à cidade — ela ignorou a questão. — Se você puder me dar uma carona...

— Por que não fica? — insistiu.

— Meus vinte dias de férias estão acabando, e preciso voltar pra casa.

— E eu vou te ver de novo?

— Em todos os shows que fizer no Sul — ela riu.

Um homem e uma mulher com algo tão significativo entre eles seriam despertados para necessidades mais carais em menos tempo. Contudo, eles estavam semanas ali, enfurnados naquele lugar isolado, e só então Miguel percebeu que não poderia deixá-la ir embora sem tê-la para si, ao menos uma vez.

— Sabe, Beatriz... — ele murmurou, acanhado, nervoso, quase desesperado. — Eu nunca acreditei em sentimentos. Parece mais papo furado de espertos para enganar moças ingênuas. Mas, se existe algo... Se existe um sentimento que dizem mover o mundo... Acho que aprendi a sentir isso por você.

Em tão poucos dias? Soubessem os dois que bastavam segundos para que almas destinadas se encontrassem e se reconhecessem, talvez a luta diária não fosse tão cruel.

Aquelas palavras inflamaram o peito feminino. Uma confissão completamente inesperada.

Mais... Parecia até falso. Como ele podia falar naquele tom de voz, quando durante todos os outros dias em que estivera lá, só ouvira palavras ásperas dos lábios masculinos?

Guiado pelo silêncio dela, Miguel aproximou o rosto e a beijou, olhando no fundo dos olhos azuis assustados. Diante da passividade, prosseguiu, capturando a língua.

Beatriz sabia que o certo era resistir. Mesmo que aquele homem fosse Miguel Lins, seu ídolo e salvador, um beijo era algo íntimo demais, algo que ela queria guardar para alguém com quem dividiria as lacunas da vida.

Quase riu diante do pensamento. Num mundo onde mulheres beijavam e transavam com qualquer um sem se importar com nomes, onde pessoas usavam o próprio corpo para satisfações fugazes, ela se importava com a profanação de um simples beijo?

Mesmo assim, não resistiu. Os olhos dele estavam tão intensos, como se ardessem em chamas e as mãos grandes e macias seguraram seu rosto com um carinho tal que ela viu-se a lacrimejar.

Por Deus, ela o amava! Sim, ela o amava há meses, desde que se tornara sua fã. Contudo, aqueles poucos dias em que vivera ao seu lado fê-la amar mais que o artista. Ela amava aquele homem abatido, derrotado, que odiava a própria existência.

— Eu achei que seríamos amigos — ela disse, numa esperança que parecia borbulhar em seu peito.

— Nunca conseguiria ser apenas isso para você — ele murmurou, puxando-a pela mão.

O quarto grande surgiu diante de seus olhos segundos depois. O que

aconteceria, não lhe trouxe acanhamento ou medo. Estava feliz. Feliz porque seria dele. Seria inteiramente dele.

As roupas foram sendo arrancadas, uma de cada vez. Uma pressa que não se explicava, pois ela sabia que fazer amor com Miguel seria lento e inesquecível.

Depois, ele a deitou na cama. Com cuidado, forçou o joelho entre as pernas dela, encaixando-se suavemente. Mal se tocaram, mas Beatriz já gemia baixinho, desperta para uma sexualidade que antes nunca lhe tocou. Quando ele começou a se movimentar lentamente sobre ela, o toque dos corpos despertou um desejo que parecia sufocado por séculos.

Beatriz jamais havia se importado com a própria sexualidade. Miguel mal olhava para a face das mulheres com quem transava.

Porém, ali, ambos não podiam estar mais cientes um do outro.

— Você tem que dizer — ele murmurou, mordendo suas orelhas.

Seu corpo esquentou. Suas ancas pareciam em chamas.

— O quê?

— Diga que me ama. Eu já sei, você já disse. Mas, quero ouvir agora, na cama... Diga!

Não era um pedido. Era uma ordem. Miguel a queria entregue. Mais que de corpo, queria ter sua alma. E, pelos céus, ela não conseguiria negar nada a ele.

— Eu o amo — ela murmurou tão baixinho que parecia ser um segredo perigoso e pecaminoso.

As mãos dele percorreram seus seios, apertando firme seus mamilos. Logo, a língua deslizou ali, capturando um dos bicos, chupando com força, fazendo-na gritar.

— Diga alto! Diga que me ama — ordenou, mais firme.

Lágrimas surgiram no olhar feminino. Mesmo assim, ela cumpriu o ordenado.

— Eu amo você, Miguel. Eu sempre amei você. Eu cruzei uma fronteira para te ver. Eu viajei por horas, sozinha, gastando todas as minhas economias só pra tentar tirar uma foto com você. — Um soluço despontou de seu peito. — Meu despertador toca com uma canção sua. Eu tenho uma foto sua ao lado da minha cama, e eu a beijo todas as manhãs. No meu trabalho, eu tenho um quadro seu. Eu penso em você todos os segundos em que estou acordada e, às vezes, eu sonho com você também. Se isso não é amor, pelos céus, não sei o que é.

Miguel beijou-a docemente diante das palavras. Queria tranquilizá-la, acalmá-la.

— E como homem?

— Estou numa cama com você. Coisa que nunca fiz com outro. E nem penso em te negar qualquer coisa.

Miguel parecia feliz pelas palavras. Sua mão acariciou as madeixas de Beatriz, gentilmente, a princípio, até que seus dedos agarraram com força os cabelos e ele mordeu seu lábio com mais energia. De repente, estavam de novo se movendo freneticamente um contra o outro, cada gemido despertando ainda mais desejo. Miguel a acariciava em cada canto da pele, sentindo que não haveria volta.

Beatriz podia sentir a respiração dele em seu ouvido, como se o simples ato de lhe proporcionar prazer já fosse, por si só, intensamente afrodisíaco. As sensações viam em ondas escaldantes, fazendo-a roçar contra ele.

Ela sentiu o baixo ventre dele duro, grande, ereto. Não olhou, mas sabia que estava despontando contra ela. Quis prolongar aquele momento, mas a explosão veio numa velocidade assustadora. Seu corpo se contorceu, apesar da força com que Miguel a apertava. O coração estava disparado, batia tão rápido que ela achou que não sobreviveria.

— Miguel... — era só o que conseguia dizer.

Ele sorriu diante da demonstração de gozo. Ergueu suas coxas, encaixando-se nela, seu centro melado pelo prazer outrora vivenciado. Procurou sua boca, e ela o correspondeu agradecida, surpresa e feliz pela experiência fantástica.

— Beatriz, por favor...

Por favor, o quê?

Subitamente, sentiu algo duro cortando seu centro. Havia dor, claro, mas havia uma sensação intensa de ser mulher e de ser a mulher que Miguel queria, que a dor parecia insignificante.

Sentiu-o completo dentro de si, uma experiência única. Miguel, obviamente, percebeu a leve resistência e manteve um ritmo lento e constante, enquanto mordiscava de leve sua boca.

Estava sendo um cavalheiro, coisa que jamais imaginou que fosse. Era algo surreal, e ele quase riu.

Abandonou sua boca e passou a observá-la conforme a fodia. A maneira como ela mordia o lábio inferior, se esforçando para não gritar, o rubor da sua pele, os suspiros leves e gentis que surgiam perante ele.

Não resistiu mais. Acelerou as carícias, esforçando-se para arrancar dela um orgasmo profundo.

Porque não bastava que o sexo fosse bom — e estava sendo! —, tinha que ser perfeito, tinha que ser único. Queria marcá-la de tal forma que homem nenhum a satisfizesse depois dele.

Quando ela alcançou o clímax, gemeu alto, todo o corpo vibrando novamente contra o dele. Miguel logo sentiu-se igualmente entregue. Ejaculou sem nem pensar que não haviam se protegido em nada naquele ato.

Enquanto as contrações acalmavam, eles se encararam.

— Miguel? – o som da voz dela parecia uma linda canção.

— Sim? – ele murmurou, meio sonolento, como sempre ficava após

transar.

— Eu amo você — ela repetiu, e as palavras perderam-se naquele espaço. — Eu sempre vou amar você.

Capítulo 08

O F I M

A neve enfim interrompeu no dia seguinte a entrega daquelas duas almas maculadas pelas desgraças da vida.

E aquele cessar era um anúncio de que as coisas, enfim, haviam acabado. Juliana ligou de manhã, ansiosa para saber do bem estar do agenciado. Tão logo ouviu que ele estava inteiro, inteirou-se das músicas. Ficou espantada ao saber que o novo trabalho de Miguel Lins seria romântico.

Depois disso o guincho buscou o carro de Beatriz. Uma oficina em Bariloche iria arrumar a parte elétrica que havia pifado na neve. Tão logo isso ocorresse, ela iria para casa.

E ele seguiria para a vida normal.

Mas, o que de normal havia restado para eles?

Miguel a encarou repentinamente na mesa do café da manhã. Ela estava deslumbrante, assim, sem nenhum traço artificial, enquanto mordia o pão e contava animada sobre um trabalho que, aos olhos masculinos, parecia enfadonho.

Contudo, havia mais que o deslumbramento do primeiro amor a espreitá-lo. As dúvidas e anseios também o corrompiam.

Aquela mulher simples, sem fama ou interesses além do homem que

ele era, tornara-se, naqueles poucos dias, a maior ameaça a sua vida segura.

E quando ela o abandonasse? Sim, porque ela o faria. Quando o visse realmente aquém do homem famoso que com sua música lhe salvara a vida, ela fugiria. Eram opostos, e Beatriz dar-se-ia conta disso mais cedo ou mais tarde.

Não era melhor encerrar tudo ali mesmo? Ficaria as boas lembranças a confortar, a ambos, sem a dor de um ver o outro partir.

Mais tarde, quando a levou a cidade, percebeu que era o momento certo.

Ela estaria indo embora, mas havia uma promessa implícita neles de que Miguel entraria em contato quando voltasse para o Brasil.

Deixaria Beatriz esperando ou encerraria tudo ali? Parecia menos cruel e mais digno que as palavras fossem ditas naquele instante. Contudo, quando a mulher voltou-se para ele com um sorriso que dizia mais que qualquer declaração de amor, a despedida travou em sua garganta.

— Meu telefone — ela disse, estendendo a ele um pedaço de papel. — Eu ficarei esperando que me ligue.

Aquela esperança na voz fez o coração de Miguel quase explodir.

— Vou ter um show em Santa Catarina...

— Eu sei. Irei, prometo.

Um beijo breve nos lábios, uma despedida um tanto formal para duas pessoas que haviam aberto sua alma uma a outra. Mesmo assim, parecia o suficiente.

Beatriz saiu do carro, e abanou para ele.

Miguel colocou em primeira marcha e começou a se mover.

Segunda marcha. O quão perigosa era sua situação agora? Seu coração era aberto aos pais, e o resultado foi o abandono completo. Depois,

esperançou-se com a adoção pelo antigo empresário: sua sina foi horas e horas a fio de treinos, ensaios, e nenhum afeto. Apenas, um instrumento para dinheiro. Uma coisa que poderia – e seria – descartada quando não mais rendesse.

Terceira marcha. Agora, ali, naquele canto do planeta, o destino havia lhe trazido Beatriz. Seria a mulher a limpeza de sua alma perversa ou mais um instrumento para destruí-lo de vez?

Quarta marcha, a velocidade aumentando, o coração pulsando forte. O papel amassado, o vidro elétrico aberto, aquele pequeno pedaço escrito atirado ao léu.

Quem não ama não sofre.



Beatriz viu o carro aumentando de velocidade de forma brusca. Percebeu algo saindo pela janela, mesmo que já estivesse a uma distância considerável. Caminhou em direção ao objeto, com o coração intranquilo.

Quando o pai morreu, a mãe a levou até um internato rico na Serra. Uma escola católica, onde havia a rigidez das freiras e a inimizade das outras meninas que não viam nela qualquer distinção de simpatia.

Depois de formada, entrou na universidade e procurou a mãe para restabelecer o laço familiar. Descobriu-a casada – o que foi uma surpresa, pois ela nem havia sido convidada para a cerimônia – e com duas crianças felizes, num núcleo familiar que lhe causou até certa inveja.

A mãe pediu para que não viesse. Assim, nessas palavras. O novo marido não gostava de saber que a mulher já tinha uma filha. Se ela precisasse, deixaria algum dinheiro para que Beatriz pudesse se organizar, mas que não a incomodasse. Havia uma imagem social que a mãe não queria perder, e a jovem acabou por respeitar.

Não aceitou o dinheiro. Estudou à noite, e de dia trabalhou numa lanchonete para pagar um *kitnet*. Depois de formada, arrumou um emprego onde alçou, ano a ano, os degraus do sucesso.

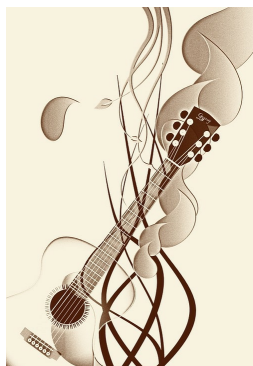
Estava a um passo da gestão administrativa da empresa. Estava a um passo de se matar.

Foi naquele tempo que Miguel Lins salvou sua vida. Enquanto agachava-se diante do papel que viu saindo da janela do carro, ela percebeu que agora ele também a destruía.

Ali, seu telefone estava umedecido pela neve que começava a derreter.

A constatação de que havia sido um brinquedo qualquer nas mãos do artista que ela idolatrava a pegou desprevenida. Definitivamente, havia acreditado nele. Aberto seu coração e sua alma para ele.

Havia dores que nunca cicatrizavam. Provavelmente, aquela seria uma delas.



A consciência o tocou de forma descomunal. Se não estivesse sozinho naquela estrada, teria provocado um acidente, tamanha a brusca pisada que

deu nos freios.

O coração começou a bater mais rápido.

Quantas chances na vida alguém tinha de encontrar alguém perfeitamente encaixado a si? Quantas oportunidades surgiam de ser feliz? Seria ele covarde o suficiente para perder aquela ocasião?

Deu o retorno e voltou para a estrada, em direção à cidade. O lugar estava vazio, o frio espantava as pessoas. Parou o carro próximo do lugar onde havia atirado o papel e passou a procurá-lo.

Onde estava? Onde estava?

Caminhou por quilômetros, pegando no chão qualquer coisa que parecia o papel que Beatriz havia lhe dado.

Ficou naquilo por horas. Por fim, voltou ao carro e foi até a oficina.

“A moça pegou o ônibus que vai para o Brasil faz uma hora” – o mecânico lhe disse, tentando ser compreendido, naquele espanhol rápido. “Disse que pedirá ao seguro para buscar o carro”.

Ela não havia deixado os dados. Por que não?

Pouco tempo depois, numa praia no Caribe, o celular de Juliana tocou.

— Oi...

O tom da voz de Miguel estava diferente de tudo que ela já havia ouvido.

— Miguel? O que houve?

— Acho que fiz merda...

Não que fosse novidade.

— Como assim? O que aconteceu?

— Você acredita que um homem possa encontrar a mulher da sua vida

em alguns dias e perdê-la em alguns segundos?

Ali estava a resposta para o CD romântico. Ali estava a resposta do porque ele não havia surtado depois de alguns dias de álcool e solidão.

— Para tudo dá-se um jeito.

A voz feminina lhe trouxe esperança. Para tudo dá-se um jeito... Para TUDO.

Beatriz ainda iria ao seu show. Ainda a encontraria. Sim, estava aliviado. E de qualquer maneira, ela era do fã clube. Bastaria entrar em contato com as pessoas que o administravam e conseguir os dados dela.

Para tudo dá-se um jeito...

Miguel Lins descobriu que não era verdade. Ela nunca foi ao show. Ela havia sumido do fã clube e os dados não conseguiram ser confirmados.

Ele não tinha sequer o sobrenome dela para colocar um investigador atrás da mulher.

Para tudo dá-se um jeito...

Nem para tudo... Nem para tudo.

A vida sempre cobrava um preço. Ele pagaria caro pelo seu erro.

Capítulo 09

S A M U E L

Cinco anos depois...

Poucas pessoas sabiam tão bem aproveitar a fama quanto Larissa Brandão. Linda, um metro e oitenta, magra, corpo esguio e personalidade cativante, a bonita loira que havia fracassado na carreira de modelo, percebeu que o *Youtube* era uma porta aberta a grandes oportunidades ainda quando o *site* não havia se tornado uma febre.

Seu talento não era muito. Sabia poucas coisas, e todas elas beiravam a futilidade. Apenas usar maquiagem a agir como uma dama. Foi assim que surgiu o “*Espaço Feminino da Bela Dama*”, um canal com dicas de maquiagem, de exercícios, e toda sorte de coisas que giravam em torno da aparência.

Pouco depois, já tinha milhares de seguidoras apaixonadas por seu olhar meigo e sua personalidade cativante. O que era uma surpresa. Seus fãs seriam tão apaixonados caso facetas íntimas da moça viessem à tona?

Temia o passado. Mais, temia que algumas verdades sobre sua personalidade — essas mesmas verdades que a fizeram ser expulsa de casa aos dezessete anos — destruíssem o que mais a importava: seu porto seguro, sua fama. Assim, precisava apenas de um chamariz para o outro lado da fama, aquele que aparentemente era mais garantido: o da televisão.

Namorar alguém famoso, longe das *web celebridades*, tornou-se um foco, mas todos que ela conhecia pareciam apenas usufruir de uma fama efêmera, como a dela.

O nome precisava ter personalidade e força, e quando conheceu a empresária Juliana Assis num restaurante, não tardou em focar sua atenção a

Miguel Lins.

A ideia de ambos serem namorados foi aceita com parcimônia pelo homem. Ele apenas assentiu para Juliana e disse um “*faça o que quiser, estou pouco me fodendo*”, que arrepiou Larissa.

Ele era o homem certo. Alguém cuja fama beirava há décadas, alguém cuja personalidade não a faria fraquejar.

As fotos armadas de um jantar romântico foram feitas por um *paparazzo*. Pouco depois, a assessoria de imprensa confirmava o relacionamento que classificavam como “firme e feliz”.

E era isso. Ambos apenas fingiam, alguns dias no mês, que desfrutavam de uma relação sadia e madura. Nem de longe isso era verdade.

— Casamento? Você só pode estar louca!

— Já não está na hora? Que mal vai fazer? É só uma cerimônia com alguns famosos, e pronto. Vamos ficar na primeira pagina...

— Eu estou sempre na primeira página. Por que eu me sacrificaria tanto só por você?

— Achei que já fôssemos amigos.

Miguel Lins girou os olhos. Larissa Brandão podia até ser agradável e tão vazia quanto ele, mas amizade já era demais.

— Adotar uma criança na África está fora de questão, então? — ela indagou.

O olhar dele pareceu em chamas.

— Você acha que adotar é o quê? Uma criança não é um brinquedo!

— Nossa, quem vê até acha que você se importa — retrucou.

— Com uma criança, sim. — Ele rebateu, erguendo-se do sofá.

Estavam em um hotel em Copacabana. Larissa teria um evento naquele

dia, e Miguel um show.

A frase dita por ela, no auge de sua ignorância sobre o passado de Miguel, fez o âmago do homem ferver.

— E por que na África? Tem milhares de crianças sem pais aqui mesmo, no Brasil.

— Não teria o mesmo apelo emocional — ela resmungou.

Tudo na vida era uma questão de dinheiro e aparências. De fama. A cada dia que se passava, aquilo mais se confirmava a Miguel.

— Tire isso da sua cabeça — ele retrucou. — Eu não vou me casar nem com você, nem com ninguém.

— Isso é por causa daquela mulher que Juliana falou? — provocou. — A tal Bia...

Miguel riu. Larissa até já lhe tinha dado um apelido.

— Eu a amei.

— Em tão poucos dias? Vocês nem se conheciam direito.

— Eu a conhecia inteiramente, e ela a mim. Você nunca entenderia.

— Por que não?

— Porque você venderia a própria alma para manter a popularidade.

— Disse o homem que tinha um Satanás como animal de estimação quando eu o conheci — ela brincou. — Você precisa superá-la, sabia?

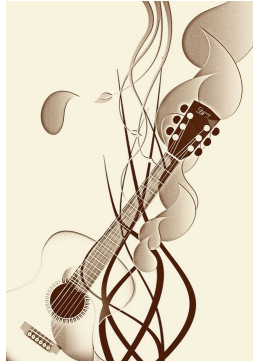
— Era Lúcifer — resmungou. — Respeite a memória do meu falecido gato.

Sempre citava o animal com saudosismo. Lúcifer, achado na rua, viveu seus quase vinte anos ao lado dele.

Larissa não entenderia o amor de uma pessoa para um animal. E isso

era apenas parte do porque nunca se casaria com ela e nunca esqueceria Beatriz.

Miguel Lins já havia cometido muitos erros na vida. Perder Beatriz era o maior de todos eles.



— Papai, papai! — a voz infantil alastrou-se pela pracinha naquela área rural do pampa gaúcho.

Esperança era uma cidadezinha emancipada há pouco mais de dez anos. Não havia muito ali, mas fora ali que Beatriz encontrara um emprego na administração de uma fábrica de fumo, e fora ali que sua alma se refugiara após a dor de ter sido usada por Miguel Lins.

— Terra chamando papai. Papai, está me ouvindo? — A criança mexeu no velho rádio quebrado e, em sua mente fantasiosa, imaginou ter ouvido um sim. — Eu me comportei hoje, no hospital. A enfermeira até disse que estava orgulhosa de mim. — Ele contou, sorrindo. — Eu vou pedir ao Papai Noel para que enviem uma nave espacial para buscá-lo, e você possa voltar para mamãe e eu.

Nove meses após o fatídico encontro sexual com Miguel Lins, Beatriz Martins deu à luz, sozinha, em uma maternidade em Porto Alegre.

Ser mãe não lhe trouxe desespero. Nem sequer raiva. Apesar de aquela criança não ter sido planejada, e ser filho de um cretino, ela soube desde que fizera o teste, que amaria aquele bebê. Ele era dela. Algo para que ela pudesse seguir em frente.

Enquanto descansava no seguro maternidade, ela procurou outro

trabalho. Havia se mudado tão logo voltou para Porto Alegre e soube da gravidez. Precisava de dinheiro, então foi para um apartamento menor e mais barato, e passou a buscar por uma vaga que pudesse lhe pagar mais, a fim de sustentar a criança.

Saiu do fã clube de Miguel Lins. Trocou de endereço, telefone e apagou os e-mails. Até mesmo encerrou o contato com Fábio, para que nunca mais ouvisse falar de Miguel. Vendeu a televisão, o computador, e não usava internet no celular.

Focou-se em um novo mundo, onde apenas o filho seria importante.

A fábrica de fumo num lugar isolado precisava de uma administradora. Seu excelente curriculum lhe valeu o cargo. Alugou uma casinha diante de uma praça antiga, e viu ali uma nova vida onde teria a paz a tanto almejada.

Quando o menino nasceu, ela apaixonou-se por tudo nele, apesar de tudo nele lembrar-lhe o pai. Conforme ia crescendo, isso mais se confirmava.

Deu-lhe o nome de Samuel. Aquele era o único laço que a criança teria com Miguel. O nome do protagonista do seriado que o cantor mais amava. Ela havia assistido *Supernatural* por pura curiosidade alguns dias antes de fazer o teste de gravidez.

“Sam”, como o chamava, cresceu saudável e feliz até completar dois anos e começar a dar dicas de que algo não estava bem.

Ele tinha diabetes.

Milhares de pessoas no mundo viviam com a doença, mas Beatriz precisou de muita força e energia para administrar um novo estilo de vida para o filho, e a carreira que os sustentava.

Todavia, nem a doença a preparou para algo pior: o inevitável aconteceu no aniversário de três anos. Sam perguntou sobre o pai. Sem saber o que dizer, disse-lhe que o pai estava no céu.

Não que mentisse. De alguma maneira, Miguel Lins havia morrido para ela.

Mas, a criança entendeu diferente. Acreditava que o pai era um astronauta como ele via nos desenhos da televisão, e usava um velho rádio quebrado para tentar falar com ele.

Por causa da saúde frágil, Beatriz não o contradisse. Enchia-lhe os olhos de lágrimas vê-lo falando com alguém imaginário, mas era melhor que lhe dizer que o pai a havia usado, brincado com seus sentimentos, e a descartado no momento oportuno.

Um dia teriam aquela conversa. Mas, não ainda. Sam precisava de maturidade para entender as implicações da vida.

E a vida, apesar de boa, às vezes era apertada. Sam precisava de bons médicos, e seguidamente ela precisava pagar uma enfermeira para ficar com ele no hospital, a fim de trabalhar.

Mesmo assim, ela não trocava aqueles dias por nada. Os momentos ao lado do filho eram os mais especiais de todos. Ver o menino deixar de ser um bebê e tornar-se uma criança era uma imagem preciosa, uma benção da qual ela era muito grata.

Miguel Lins nunca teria aquela chance...

Enquanto observava o menino brincando com o rádio embaixo de uma árvore, ela encheu a cuia do chimarrão.

Aquele sábado ensolarado, próximo do Natal, era deveras agradável.

— Você vai ir ao show em Encanto? — a voz de sua amiga Andrea chegou a ela.

Encanto era a cidade maior, próxima de Esperança. Era lá que Samuel se tratava.

— Show?

— Miguel Lins irá cantar no festival de soja de lá.

Beatriz Martins voltou-se para a outra mulher. Andrea era sua secretária na fábrica e uma amiga muito querida em sua vida cotidiana.

Casada e mãe de dois rapazes, a mulher cresceu na região agrícola e casou-se com um granjeiro. Contudo, sempre quis trabalhar fora, e quando os filhos foram para a faculdade, ela buscou por um emprego na fábrica. A amizade entre ela e Beatriz foi instantânea. Nos finais de semana, a outra sempre vinha visitá-la e lhe trazer coisas de sua horta.

— Eu não gosto desse cantor — Beatriz negou, enquanto percebia o filho correndo até ela.

Logo, a criança achegou-se em seus braços.

— Papai disse que virá pro Natal — ele anunciou, muito feliz.

Beatriz percebeu Andrea com lágrimas nos olhos. Contudo, os seus estavam secos.

— Isso não importa — disse ao menino, beijando sua bochecha. — Mamãe vai lhe comprar uma bicicleta — avisou. — E o papai Noel disse que trará outros presentes.

— É mesmo?

A chegada do pai astronauta se perdeu na animação infantil.

Miguel Lins nunca teria espaço na vida de Samuel. Ele não merecia. Essa era a sua pequena vingança.

Capítulo 10

REENCONTRO

Aquele ambiente não era desconhecido para ele. Qualquer hospital no mundo tinha o mesmo cheiro que parecia corroê-lo, que remetia a memórias péssimas, e que sempre o agoniava.

O ar carregado, contudo, daquela vez em nada lhe importava. Estava ali, na cidade de Encanto, apenas para tirar algumas fotos com pacientes, ser matéria de um noticiário local, e entregar uma doação para a unidade infantil.

Era um dos preços da fama. As pessoas esperam que você seja grato a elas por ter sucesso. E essa gratidão deve vir com a hipócrita demonstração de generosidade. Quanto mais dinheiro, mas holofotes. Era um dinheiro doado que também significava mais dinheiro entrando. Até quem não gostava dele, comovia-se pelo gesto.

— Nós amamos as crianças — dizia Larissa para um repórter da rádio, enquanto segurava um bebê no colo.

Miguel assentiu, sorrindo, falso. Aquele mundo era tão ilusório quanto o afeto da mulher por pequenos.

— E pretendem se casar em breve?

Estavam num corredor. Ao seu lado, a empresária Juliana respondia algumas questões ao jornal, e a presidente do hospital, do outro lado, lhe mostrava uma foto da filha para que ele autografasse.

— Nós queremos nos casar no momento certo — Larissa respondeu, e Miguel enfim conseguiu ter um pouco de sossego.

A beleza da loira chamava muito a atenção, e logo alguns repórteres pediram para ela fazer pose ao lado das crianças que estavam deitadas.

Miguel, repentinamente, viu-se livre, e começou a caminhar sem rumo pelos corredores.

Algumas fotos com fãs, alguns abraços de enfermeiras, e, enfim, pôde respirar pausadamente.

Na área de visitas, próximo de uma sacada aberta, ele puxou um cigarro.

Aspirou a fumaça mentolada, enquanto tentava tranquilizar a mente irrequieta. Era sempre assim, quando estava num lugar daqueles. Passou muito tempo sozinho, deitado em uma cama, agonizando em sua dor. Agora, a dor voltava com tudo.

— Você está com as mãos limpinhas? — a voz feminina fê-lo voltar-se em direção a um dos quartos.

Apagou o cigarro e seguiu até lá. Em muito porque o olhar do menino deitado na cama era estranhamente semelhante ao dele, em muito porque sentiu a conexão pela doença, percebendo a enfermeira com a seringa de insulina na mão.

Ficou de canto, a observá-los.

— Bem limpinha, lavei com bastante sabonete — o garotinho contou, animado.

Apesar de tudo, estava animado. Ali denotava a diferença dele. Nos dias em que aprendeu a se automedicar, sentia-se terrível, amedrontado. Claramente, aquele pequeno guerreiro estava longe disso.

— Ótimo, Samuel — a mulher de branco lhe estendeu a seringa. — Vamos aplicar?

O menino pegou-a e friccionou a agulha na barriga. Só então pareceu pestanejar.

— Coloque no mínimo três dedos longe do umbigo, que doera menos — Miguel ouviu-se recomendando, indiscreto.

O olhar de ambos voltou para ele. Enrubesceu.

— Desculpe, eu estava...

— Oh, é Miguel Lins?

Outra fã?

— Também tenho diabetes — contou à mulher. — Posso ajudá-lo?

A enfermeira assentiu, rapidamente. Ela afastou-se da cama, e ele se aproximou. Sorriu para o garoto, que não parecia reconhecê-lo.

— Você sabe... — disse, gentil. — Não pode aplicar só na barriga. Tem que usar um dia na barriga, outro na coxa, outro no bumbum... — brincou. — Assim o corpo absorve melhor o remédio.

— Eu sei quem você é!

A afirmação ignorava tudo que ele dizia. Riu.

— Sim, você me viu na TV?

— Você estava no céu, né? Você é meu papai?

O homem girou em direção a enfermeira.

— O pai dele... — ela fez um ar triste, e Miguel compreendeu imediatamente.

— E a mãe?

Subitamente, deu-se conta de que o menino podia estar sozinho ali, assim como ele estivera, uma vez.

— Ela trabalha. Sempre vem buscá-lo no final da tarde. Samuel é bem cuidado, apenas está vindo ao hospital para aprender a se automedicar.

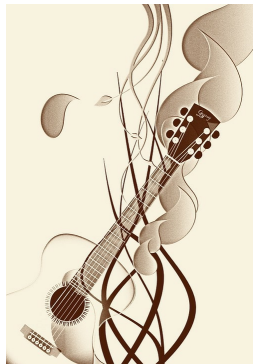
Menos mal...

— Samuel? — Ele girou em direção ao menino.

— Minha mãe me chama de Sam.

Era adorável. A primeira criança com a qual Miguel realmente tivera simpatia imediata. Talvez estivesse ficando velho e fosse à hora de se aquietar, casar-se e se tornar pai.

— Seu nome é muito bonito. — murmurou. — E então, vamos aprender a aplicar?



“Se eu pudesse escolher apenas um segundo para reviver”.

Os gritos ensurdecadores da multidão chegaram a ele, quase num eco. Era estranho que o Brasil o amava e o aceitava de braços abertos, com suas melodias bem criadas, quando todo o restante do nicho nacional de artistas que estavam no topo remetiam a músicas promíscuas e objetivação do sexo.

Mas, não com ele. Suas músicas eram bem criadas e sempre tinham uma mensagem. E aquela, em especial, uma das que mais fazia sucesso em seus shows era exatamente uma criação para Beatriz.

Escrevera muitas, até então. Porém, havia uma especial que ele havia guardado para ela, caso a reencontrasse algum dia.

Nunca acontecera. Perguntava-se do porque ela jamais tê-lo procurado diante do montante de canções que fizera, narrando os momentos que viveram em Bariloche.

Teria sido Beatriz uma alucinação? Como uma mulher podia entrar na vida de um homem, avassalar tudo, inundar tudo, e depois simplesmente apagar-se no tempo?

“Teria sido aqueles segundos em que conheci você”.

Gritos femininos. Inúmeros. Todas ali amavam o homem que ele encenava para elas. Mas, o verdadeiro homem era impróprio para o amor.

Na sua mente, lembrou-se de como planejava encerrar tudo com Beatriz ainda no carro. Na verdade, ela que destruiu os sonhos de esperança. E ele não a culpava. Beatriz livrara-se do homem abominável que ele era.

Como alguém poderia amar se nunca havia sido ensinado a aquele sentimento?

A imagem dos pais voltou a sua mente, e ele sentiu-se lacrimejar pela primeira vez. Talvez, o fato de que encontrara uma criança como ele no hospital, mas que, ao contrário dele, tinha o amor de uma família o fizera fraquejar.

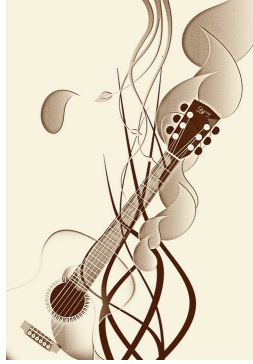
O amor de uma mãe...

Subitamente, deu-se conta de que não dissera ao garoto que não era seu pai. Deixara-o pensando que havia voltado, apenas para nunca mais vê-lo.

A mãe iria buscá-lo no final da tarde, e já era noite. Porém, será que conseguiria algum contato deles no hospital? Levaria um brinquedo ao menino, e se explicaria.

Não sabia porque era importante deixar tudo as claras, mas sentiu que era o que devia fazer.

Encerrou a música e curvou-se, diante dos aplausos. Mais um show de sucesso. Mais um dia de fracasso pessoal.



— Hoje de manhã eu conheci um menino com diabetes...

— Sim, Samuel! — Uma das enfermeiras lhe afirmou, com os olhos brilhando. Jamais pensou que, naquela madrugada, ao fazer seu plantão, teria um astro internacional a interceptando. — Todas na enfermagem só falavam como você foi doce com ele.

— Eu queria voltar a falar com ele. — Ignorou a voz apaixonada dela. — Queria lhe dar um presente. Será que é possível conseguir o endereço?

— Não podemos fornecer endereço dos pacientes — ela negou. — Mas, o menino não foi embora. Ele tem a diabetes tipo mellitus que...

— Eu sei como é, eu também a tenho...

— Pois é — ela deu os ombros. — Parece que quando a enfermeira que cuida dele foi ao banheiro, ele aceitou alguns doces das crianças que estavam internadas — riu. — Enfim, apenas como prevenção, o médico preferiu que ele passasse a noite aqui.

Miguel sorriu, tranquilo.

— Não irei acordá-lo. A mãe dele está no quarto? Irei lá apenas para falar com ela e pedir o endereço. Enviarei o presente por entrega.

A mulher assentiu e ele caminhou em direção ao quarto. A porta estava aberta e Samuel dormia, tranquilo, no leito.

Não havia mais ninguém ali, mas a poltrona onde provavelmente a mãe descansava estava com uma manta, e havia um cheiro adocicado de perfume feminino no ar.

Logo, o som de passos vindo do banheiro. Preparou-se para se apresentar a mulher, explicar-se, quando a figura dela surgiu da escuridão.

Houve um pequeno lapso no tempo, um curto momento em que Miguel parou de sentir, de respirar, de viver.

Então, subitamente, o ar retornou e ele murmurou a única coisa que conseguia:

— Beatriz?

Capítulo 11

IMPERDÓVEL

Quando havia chegado ao hospital, naquele final de tarde, soube da visita de Miguel Lins.

Por alguns instantes, algo dentro dela eclodiu, como se mil fagulhas a aticassem. Miguel Lins estivera a poucos centímetros do filho, falara com ele, até lhe aconselhara sobre a diabetes, e seu mundo poderia desabar rapidamente, não fosse o fato de que o homem sequer desconfiava de que o menino era seu.

Depois, tentou se acalmar. Comprou um chá na lanchonete do hospital e manteve os nervos frios.

Aquele havia sido um evento atípico, algo anormal que não mais ocorreria.

Por fim, ao medirem a taxa de glicose do menino e constatarem a anormalidade, ela centrou-se em estar forte para mais uma noite em claro, cuidando de seu pequeno.

Miguel Lins era passado e como passado ele permaneceria.

— Hoje meu pai veio me ver — Sam lhe disse, pouco antes de cair em sono pesado.

Houve um dúvida sentimento na mulher. O filho estava apenas em seu mundo imaginário ou Miguel havia descoberto a verdade de alguma maneira?

Por fim, se acalmou. Não havia como Miguel descobrir qualquer coisa sobre ela. Aliás, ele sequer se interessaria, afinal, foi ele que jogou fora seu número, foi ele que cortou qualquer laço, foi ele que lhe deu o “fora”.

Com o coração um pouco mais tranquilo, ela leu um pouco, e depois dormiu. Acordou de madrugada, com vontade de ir ao banheiro.

Levantou-se, beijou a face do pequeno filho, e depois dirigiu-se ao toalete. Seu coração já estava vazio de angústias e preocupações, convencida de que aquele evento anormal jamais se repetiria.

Talvez, aqui, muitos pensem no quanto ela mudou. Definitivamente, mudou. Algo que não narrei – ora, não narrei muitas coisas, pois seria impossível detalhar cinco anos com tamanha precisão em tão poucas linhas –, mas que é deveras importante é que Beatriz Martins tornou-se um pouco Miguel Lins, assim como Miguel se tornou um pouco Beatriz.

Claro, ela ainda era meiga e generosa. Porém, aprendera a usar a máscara que ele sempre trazia consigo. Aos olhos do mundo, ninguém diria que aquela mulher firme e forte fora alguém tão acanhada e abatida em pouco mais de meia década.

E ele? Ah, Miguel ainda era irrequieto e agressivo. Mas, agora havia um resquício de humanidade nele. Algo pequeno, mas que o cometia a agir com mais prudência e coração.

Contudo, ao sair do banheiro e perceber a figura alta, grande, forte e marcante ao lado do leito do filho, a encará-la com assombro, Beatriz sentiu-se, por alguns segundos, a mesma garota medrosa de antigamente.

— Beatriz... — a voz dele pareceu emocionada. — É você?

Ela havia mudado um pouco. Todos mudam, com o tempo. Mas, ainda era extremamente bonita e atraente. Ainda mantinha uma dignidade que parecia despontar em sua postura firme.

— O que faz aqui? — a indagação saiu forçada, apesar do olhar sério e frio.

Miguel sentiu ali, naquele momento, que havia algo diferente, algo errado. Seus olhos saíram dela e volveram a cama.

O menino o havia chamado de pai. Seria... Quantos anos fazia desde aquela entrega apaixonada?

— Quantos anos ele tem? — indagou, sério.

— Lamento informar, mas o menino não é seu filho.

— Aparentemente, o tempo bate — ele retorquiu.

— Acha que foi o único homem da minha vida?

Sua voz estava cada vez mais nervosa. Era impossível não sentir as mãos suarem frio e o coração bater pesado.

— Não sei se o único, mas com certeza o primeiro.

Ela engoliu a seco.

— Bom, não me marcou a ferro, não é? Eu tive outros, depois de você.

O menino remexeu-se na cama, e eles seguiram em direção à saída, para não acordá-lo.

— Ah, eu marquei sim — ele devolveu, subitamente feliz. — Agora entendo porque sumiu, porque removeu suas redes sociais...

— Desculpe informá-lo, senhor “*pica das galáxias*”, mas não é assim tão fenomenal para que eu anule minha vida por sua causa. Eu simplesmente tive um caso, engravidei, e deixei a vida de tiete de canto para cuidar do meu filho.

— Nosso filho...

Ele era surdo?

— Escute...

— Por que não me procurou? Não pediu pensão? Eu poderia te dar tudo...

— Você está me ouvindo?

Miguel riu.

— Ele tem meus olhos. — Jogou, sem dó. — O tom dos meus cabelos. Também tem diabetes mellitus, como eu.

— Isso não prova nada.

— Essa diabetes é hereditária.

— Continua não provando.

— Então vamos fazer um exame de DNA.

Por alguns segundos, Miguel parecia vitorioso, e Beatriz desesperou-se.

— Acha mesmo que vou submeter meu filho a esse tipo de baixaria?

— Entrarei na justiça!

— E eu irei recorrer até última instância.

Aquela firmeza, raiva, ódio que parecia prevalecer à razão, fez Miguel arquear as sobrancelhas, nervoso.

— E por quê? Se ele não é meu filho, pode provar isso em poucas horas, num exame simples, sem nenhum custo para você.

— Já disse que não vou submeter...

— Por que passou a me odiar? — a questão mudou, fazendo com que ela se encolhesse em seu próprio mundo.

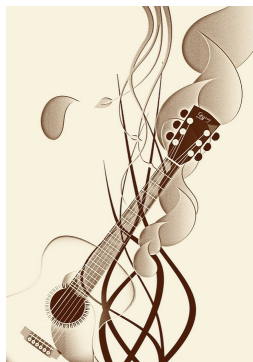
— Odiar? Eu sequer tenho tempo para pensar em você.

Repentinamente, ele agarrou seu braço, puxando-a contra si. Algo, rapidamente, despertou em Beatriz. Provavelmente, seus anseios femininos adormecidos após sua terrível decepção.

E ele sentiu aquilo. Sentiu a pele que se aquecia, a respiração que se descontrolava. Quis beijá-la, apertá-la, dizer-lhe que ambos ainda eram espelho um do outro, mas ela conseguiu se desvencilhar.

— Você ainda pensa em mim — constatou. — Assim como eu nunca deixei de pensar em você.

E saiu, deixando-a arrasada para trás.



O retorno de Miguel Lins a sua vida foi como um vendaval destruidor que esmagou suas defesas e destruiu sua casa.

Beatriz sentiu, no primeiro sábado após o reencontro, que ele havia voltado para ficar.

Um carro importado estacionou diante da casa dela. Percebeu o motorista indo até a porta traseira e abrindo-a. Miguel saiu de lá com um embrulho nas mãos, e entrou no seu pátio sem aguardar permissão.

— Vá embora — ela ordenou, na porta.

— Vim ver meu filho.

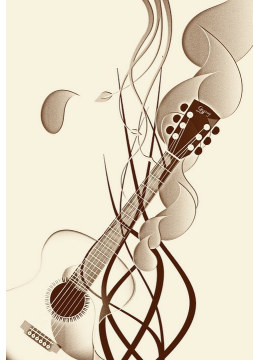
— Ele não é seu filho — ela tentava prevalecer, sem sucesso.

Miguel sorriu, irônico.

— É, até você provar o contrário.

O barulho chamou a atenção de Samuel, que correu até a entrada e segurou-se nas pernas da mãe.

— Diga ao menino, Beatriz, quem é o pai dele — jogou com as armas que tinha. Percebeu-a vacilar. — Ou mentirá ao seu filho?



Muito do que restava ao ego de Beatriz Martins era saber que Samuel era apenas seu, e que o homem que a havia desprezado nunca colocaria as garras no pequeno.

Agora, enquanto observava os dois conversando animadamente na praça diante de sua casa, ela sentia todo o seu futuro em frangalhos.

Ele havia constatado o óbvio em pouco tempo. Por quê? Saber que ter sido tão importante para ela, dessa forma? Disse-lhe que não havia lhe marcado, mas mentira. Estava completamente assinalada pela presença marcante daquele homem.

Ficaram um bom tempo na praça. Miguel trouxe presentes para Sam, e ela percebeu o filho completamente fascinado pela presença do pai.

Enfim, não era de todo mal. Desde que tomara consciência de que não tinha um pai, a criança cobrava dela a presença masculina.

O que de pior poderia acontecer diante disso?

— Nós vamos nos casar.

Miguel Lins não lhe indagou, nem lhe pediu. Quando retornou a casa, no final daquele sábado, ele simplesmente lhe comunicara sua decisão.

— Você deve estar gozando com a minha cara — ela retorquiu, nervosa.

— Prepare tudo, semana que vem irá se mudar para Porto Alegre.

— Eu tenho uma vida, um emprego...

— Peça demissão.

Como se fosse assim tão simples.

— Você tem noção do quão ridículo está sendo? Nós mal nos conhecemos.

— Isso não é verdade.

— Passamos poucos dias em Bariloche...

— E abrimos a alma um ao outro. Existem pessoas que passam vinte anos dividindo o mesmo teto e não se conhecem. Nós nos conhecemos sim, mesmo que por pouco tempo. Portanto, vamos fazer o que é certo.

— O que é certo?

— Dar uma família a Samuel — apontou. — Algo que nem você nem eu tivemos.

Ela engoliu em seco.

— E se eu me recusar?

— Meu filho terá uma família. Se você não se casar comigo, arrumarei alguém que se case. E então entrarei na justiça para obter a guarda...

— Como se algum juiz nesse mundo tiraria o filho de uma mãe.

— Qualquer juiz olharia o fato de que a mãe precisa trabalhar fora e muitas vezes é obrigada a deixar o filho aos cuidados de terceiros. Qualquer juiz perceberia que uma criança com uma doença grave seria mais bem atendida por uma família presente. Pai, mãe, avós amorosos...

— Avós?

— Meus pais me escreveram. Até penso em perdoá-los caso testemunhem em meu favor num tribunal.

Depois disso ele foi embora, deixando-a em puro desespero.

Capítulo 12

FAMÍLIA

Larissa Brandão sentiu os olhos umedecerem diante da novidade.

— Você não pode me dispensar assim.

Juliana observava a discussão de canto. Na última semana, Miguel lhe avisou que teria novidades sobre sua vida pessoal. Depois, agendou uma conversa com a “*namorada*” e a empresária. Apareceu dizendo que reencontrou alguém do passado, que tinha um filho, e que iria se casar.

— Que tipo de mulher aceita um casamento com alguém que não vê há anos? — Juliana interpôs.

— Ela não aceitou se casar comigo.

— O quê? — Larissa berrou.

— Ela vai. Ou irei tomar a criança na lei. Então nós dois — apontou Larissa — nos casamos.

Ele parecia ter pensado em tudo. Juliana estava chocada, e Larissa pensativa.

Porque, no fim das contas, aquilo poderia render muito. Caso a tal Beatriz não aceitasse o casamento, ela poderia aparecer com a “*boadrasta*” ansiosa por ser mãe do garotinho que Miguel Lins não sabia, até então, da existência.

— E por que quer se casar com ela? Case-se comigo! — Larissa bramiu. — Eu te ajudo a conseguir a guarda. Iremos a programas de televisão, faremos um chororô incrível nas rádios, enfim, tenho certeza de que conseguiremos ficar com o menino.

— Não vou arriscar. Beatriz é a primeira opção.

Ele ainda a amava. Não diria, é claro, mas Larissa sentiu aquilo. E, uma pequena parte de si, comoveu-se com o fato.

Nunca disseram, ou assumiram, mas ela sabia que eram amigos.

— Eu preciso de você — disse, contudo. — Você é parte da minha fama!

O olhar masculino voltou a ela. Mediu-a. Subitamente, aliviou-se.

— Talvez — murmurou. — Provavelmente foi o que te alçou no início. Mas, francamente, você já tinha milhões de seguidores na *internet* antes de namorarmos. E já tem um nome feito. Não precisa mais de mim. Aliás, não precisa de ninguém. Pode namorar alguém, agora, porque ama não porque quer chamar mídia.

Amar? Aquilo era muito arriscado. O sucesso e o dinheiro pareciam terreno mais seguro.

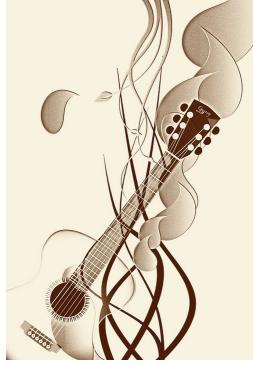
A voz de Juliana interceptou seus pensamentos:

— Não podemos jogar uma bomba assim na imprensa. Precisamos primeiro, com calma...

— Sem calma — ele negou. — Eu tive muita paciência nesses anos todos, mas acabou. Agora eu quero fazer as coisas do meu jeito...

— Seu jeito? Miguel...

— Se eu não fosse covarde, eu nunca teria perdido o contato de Beatriz. Eu teria visto meu filho nascer e crescer. Teria estado lá para sua primeira crise da diabetes, e teria segurado sua mão na primeira dose de insulina. Não vou fracassar novamente. Não importam as circunstâncias, agora eu vou com tudo para cima do destino, e terei uma família, custe o que custar.



Andrea estendeu a amiga uma xícara de café. Naquela manhã de segunda-feira, patroa e secretária não iniciaram o dia com os balancetes da contabilidade. Outros assuntos, mais pessoais, pareciam dominar o ambiente.

— Ele nunca conseguiria a guarda, não é? — Beatriz indagou.

— Miguel Lins... — a outra murmurou, seu espanto era nítido. — Por que nunca me contou?

— Nunca quis que alguém soubesse o quanto eu fui tola, idiota... Oh, céus, o quanto ainda me sinto da mesma maneira. Tenho vergonha da mulher que era há cinco anos, mas sei que ela ainda existe dentro de mim.

— Aquela mulher rendeu um fruto. Sam é um bem por demais precioso para que você tenha arrependimentos.

— Não posso perder meu filho — Beatriz murmurou. — Ele é tudo que tenho...

— Pelo que me disse, Miguel Lins deve se sentir da mesma forma.

Beatriz não tinha disposição para simpatia ou piedade. Na verdade, se tivesse dinheiro, abandonaria tudo e fugiria com o filho. Contudo, estava ciente, agora, de que com seus dados, seria facilmente encontrada pelo outro.

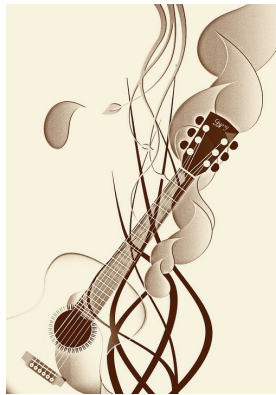
— Não quero me casar com ele — disse a amiga. Aquilo era profundamente sincero. — Levei muito tempo para apagá-lo do meu coração...

— E teve sucesso?

— Considero que sim. Eu realmente não pensava em Miguel desde que ele surgiu na cidade...

— Você está ciente de que você pensou em Miguel todos os dias, sempre que olhava para seu filho, não é?

Aquelas palavras cavaram fundo na consciência de Beatriz.



A mulher tinha uma beleza clássica e um corpo curvilíneo. Poderia facilmente ser uma das artistas que agenciava, mas seu olhar sério e sua postura em um terninho claro denotava que Juliana Assis tinha objetivos mais definidos.

— No que posso ajudá-la? — Beatriz indagou.

A empresária de pele escura e olhar irrequieto, surgiu no final da manhã. Quis um encontro reservado com Beatriz, e a outra a recebeu em seu escritório, de forma polida.

Era como pisar em ovos, para ambas.

— Você sabe — Juliana começou, cruzando as pernas, como uma modelo de revista —, eu nunca a culpei por ter ido embora. Francamente, eu também já pensei nisso. Não fui porque devo muito a Miguel.

— Eu não fui embora... — Beatriz murmurou, ofendida.

— Você sumiu da vida dele — apontou. — E ele te procurou por muito tempo. Talvez, naquela época, caso tivesse te encontrado, você teria espaço em sua vida. Facilmente poderíamos explicar sua presença na carreira de

Miguel sem prejudicar sua imagem. Mas, hoje? Ele é namorado de Larissa Brandão, e mantém uma séria imagem de bom moço, pronto para casar. E, mais: as fãs definitivamente gostam dela, a admiram. Sua presença só viria a prejudicar a carreira de Miguel.

O que diabos era aquilo? Uma recriação? E quem era Larissa Brandão? Provavelmente uma nova atriz ou alguém igualmente famoso. Fazia muito tempo que Beatriz não assistia televisão e estava por fora das novidades.

— Você fala como se eu estivesse me metendo na vida dele — disse, firme, revoltada. — É ele que me atormenta, ameaça tirar meu filho de mim...

— Quero que o disperse dessas ideias.

— Você acha que eu sou capaz disso?

— Se alguém é capaz de alguma coisa, é você. Foi a única mulher que ele amou.

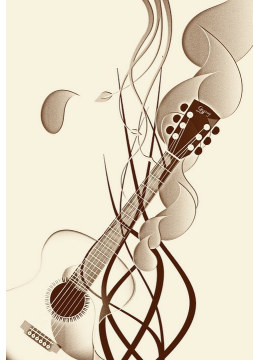
A lembrança de Miguel Lins amassando seu número de telefone e o jogando pela janela a tomou. Quase riu, mas estava ansiosa e preocupada demais para ser irônica.

— Nunca cobre nada dele — afirmou. — Eu poderia ter ido atrás de pensão, ou entrado na justiça, mas nunca quis nada. Só quero que me deixem em paz.

Juliana assentiu, erguendo-se.

— Eu sofri muito para chegar onde cheguei — ela avisou a Beatriz, um tanto estúpida. — Não deixarei que um caso qualquer destrua a carreira do meu principal artista.

As mãos de Beatriz ainda tremiam quando a mulher deixou o escritório.



Encanto não era nenhuma cidade grande cheia de atrativos. Era apenas um pouco maior que Esperança, um tanto mais organizada, com alguns bons restaurantes e uma excelente área verde que fazia as famílias saírem de casa nas tardes e irem sentar-se à sombra enquanto desfrutavam o chimarrão.

No domingo que se seguiu a semana perturbadora, Beatriz aceitou encontrar-se com Miguel numa daquelas praças.

Ele estava de boné e óculos escuros, provavelmente para não ser reconhecido, mas ela o percebeu assim que pôs seus olhos sobre ele.

Miguel havia preparado alguns lanches e estendera uma toalha de linho no gramado. Sam, que havia vindo com a mãe, logo correu na direção do homem, e lhe estendeu os braços.

Ele sempre sentira a falta de um pai...

Beatriz até pensou em casar-se novamente, dar uma família ao pequeno, mas era completamente travada com homens. Sempre que saía com algum, acabava assustada com os avanços e se afastava.

Porque era muita dor por baixo daquela couraça de indiferença.

— Obrigado por ter vindo — Miguel murmurou, enquanto beijava a bochecha do filho. — E obrigado por ter trazido o Sam.

Ela assentiu.

— Não estou impedindo você de ter contato com seu filho — ela afirmou, parecendo deixar claro que buscava uma trégua. — Peço que aceite...

— Você pensou na minha proposta?

Silêncio.

— Ei, Sam — chamou a atenção do garoto. — Comprei uma bola para você. Por que não vai brincar com os outros meninos?

O garotinho assentiu, imediatamente. Era diferente, naquilo, do pai e da mãe, que tinham extrema dificuldade com as demais pessoas.

— A sua proposta é loucura — Beatriz sentou-se sobre a toalha. — Acho que podemos chegar a um consenso.

— Quero meu filho comigo — ele negou. — Não abro mão disso.

— Não estamos no século passado. Milhares de crianças crescem sem pai ou mãe...

— E se tornam excelente adultos, sem nenhum problema emocional — ironizou. — Nós dois somos um grande exemplo de saúde mental.

Ela riu. Subitamente, percebeu que sentia falta daquele tom.

— Nossos pais eram péssimos pais, mas nós dois, com determinação e disposição, podemos...

— Eu quero você, também — confessou.

Alguma coisa despontou no pulso de mulher.

— Sua empresária me procurou essa semana.

— O quê?

Sua surpresa era sincera.

— Juliana sabe que não deve se meter...

— É o trabalho dela — murmurou. — Ah, soube que está namorando. Larissa é a moça, não?

— É uma relação para a mídia. Larissa e eu somos apenas amigos.

— Ela sabe de Sam?

— Sim.

— E o que disse?

— Ela teme perder a fama. Mas, apesar disso, eu sinto que não irá nos prejudicar.

Ao longe o riso do filho os atingiu. A felicidade de Sam em estar ali, numa praça, com a presença do pai e da mãe, era algo tão nítido que ambos sentiam que havia um passo a ser tomado, e deviam isso ao filho.

— Como contou a ele? — Miguel murmurou.

— Eu lhe disse a verdade. Disse que você era um cantor famoso, lhe mostrei alguns shows na *internet*, e falei que nós tivemos um relacionamento no passado.

— Ele não quis saber porque só agora eu surgi em sua vida?

— Ele tem quatro anos. Ele só riu e ficou feliz.

Miguel respirou fundo.

— Por que desapareceu? Achou que eu não fosse querer a criança? Que iria tentar obrigá-la a abortar?

— Você destruiu o meu coração — ela murmurou a verdade, os olhos fixos em Sam, o coração em sangue.

Mais um silêncio incômodo. O som de um quero-quero cruzou por eles. Devia haver algum ninho próximo e o pássaro estava a proteger a cria.

— Você achou o papel? — ele indagou, entendendo imediatamente como haviam chegado até ali.

— Eu o vi jogando fora pela janela do carro.

— Acreditaria se eu dissesse que voltei para buscá-lo?

— Não.

A criança voltou para eles. Beatriz sorriu, puxando o filho para os braços.

— Beatriz... — O som da voz dele fê-la volver-se em sua direção. — Case comigo.

— Não fale dessas coisas diante de Samuel.

— Temos um filho e é o certo.

— Você só pode estar brincando...

— Brincando por fazer o certo?

— E ainda faz o pedido com essa cara... — ela riu. — Sinceramente, você é inacreditável.

— Ah, obrigado.

— Não foi um elogio! — ralhou.

Ele gargalhou.

— Ei, Sam — Miguel murmurou. — Você não gostaria que papai e mamãe se casassem?

Era um golpe sujo, mas Beatriz já o estava aguardando. Ela sabia como Miguel agia.

— E ter irmãozinhos? Você não gostaria de ter alguém para brincar?

O olhar furioso da mulher o atingiu e ele riu. O menino concordou imediatamente, animado.

— Eu quero uma família com você, Beatriz — ele murmurou. — Nada me fará desistir disso.

Capítulo 13

O P R E Ç O

Um grupo animado se aproximou da mesa onde Juliana e Larissa almoçavam. Era uma mãe e duas filhas. Uma delas, em cadeira de rodas.

— Poderia nos dar um autógrafo?

Larissa se ergueu, sorridente. Pediu para Juliana tirar uma foto dela com a família, abraçou a menina na cadeira, sorriu para a irmã, e assinou um pedaço de papel para a mãe.

— Seu canal é muito importante para nós — a mulher apontou. — Você salvou nossa autoestima. Quando minha filha sofreu o acidente de carro — apontou para a cadeirante —, nós simplesmente deixamos de viver, de nós cuidar. Mas, suas dicas nos ajudaram a nos sentirmos novamente pessoas vivas e lindas.

Aquelas pessoas simples provavelmente não sabiam que haviam dado um presente de valor inestimável a *youtuber*. Ela agradeceu e as observou afastando-se com um sorriso nos lábios.

— Preste atenção – Juliana lhe chamou novamente a atenção. — Miguel foi passar o final de semana no Sul. Tenho certeza que foi atrás daquela mulher...

— E?

— Como assim “e”?

— Ele já disse que está convencido.

— Mas, ela não quer. E você pode ajudá-la nisso. Estou lutando para manter os jornais em silêncio. Um radialista da cidade de Encanto me disse

que Miguel foi visto duas semanas seguidas na cidade e quis saber o porquê. Despistei, mas...

— Você sabe — Larissa murmurou. — Quando eu comecei meu canal, eu me sentia um fracasso por não ter conseguido me tornar uma *topmodel*. Mas, eu sinto, hoje, que talvez meu fracasso tenha sido um caminho que o destino me deu para ter outra carreira, uma que pudesse ajudar as pessoas...

O olhar descrente da agente a atingiu.

— Você bebeu?

— Miguel disse que eu posso encontrar alguém para amar. Por que não?

— Se achasse alguém para amar, perderia sua carreira em dois dias. Esqueceu-se de que é lésbica?

O tom e a forma pejorativa com que a palavra foi dita fez Larissa lacrimejar.

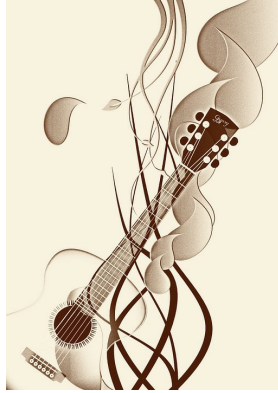
— Miguel Lins perder o juízo não significa que você também deve ficar louca.

Não queria, mas acabou concordando.

— E o que quer que eu faça?

— Intimide Beatriz Martins. Faça com que ela pense mil vezes antes de aceitar qualquer proposta de Miguel.

Larissa não queria, mas acabou concordando.



A única coisa boa oriunda do retorno de Miguel a sua vinda foi a animação do filho, que havia abandonado o velho rádio onde falava com o imaginário pai astronauta, e agora passava a usar um celular, onde conversava com o homem muitas vezes por dia.

— Um menino na praça disse que Papai Noel não existe — ele riu, irônico. Beatriz arrepiou-se da semelhança do garoto com o genitor. — Papai Noel trouxe meu pai. Ele é um tolo.

Onde havia aprendido a falar assim?

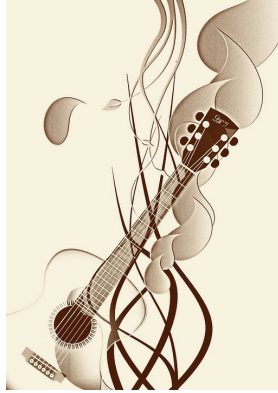
— Você está feliz? — ela indagou, enquanto enchia a xícara dele de café.

O menino mordeu o pão. Seu sorriso veio mesclado a farelo.

— Sim, mamãe. E você?

A pergunta ecoou no coração da mulher.

Felicidade não era algo a qual ela estivesse acostumada.



O som da porta batendo fez com que o coração de Beatriz saltasse no peito. Sam era uma criança muito gentil e tranquila, e vê-lo afogueado, com lágrimas nos olhos, e soluços invadindo a garganta, fê-la correr atrás dele.

Encontrou-o no quarto, deitado na cama, chorando alto, e soube que um dos fatos inevitáveis do retorno do pai havia ocorrido.

— Conte para a mamãe o que aconteceu, Sam... — ela sentou-se ao lado dele, e acariciou sua face.

— Um dos meninos disse que eu mentia — ele disse, entre fungadas. — Disse que Miguel não era meu pai e que ele já tem namorada.

Aquilo era muito complicado.

— Miguel é seu pai — ela afirmou. — Mas, sim, ele tem uma namorada. Fazia muitos anos de que não nos víamos e ele encontrou outra pessoa.

— Mas, ele disse que vocês iriam se casar...

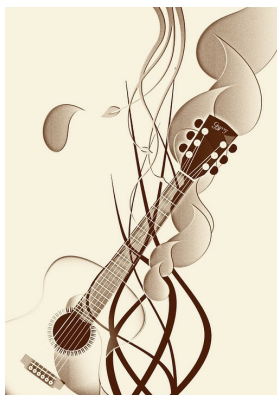
— Ele quer isso, mas mamãe nunca disse que aceitaria.

— E por que não?

— Bom, ele tem namorada — ela apontou o óbvio. — E talvez mamãe não saiba se seria bom para você viver perto dele.

A frase o magoou, nitidamente. Girando o rosto em direção ao travesseiro, seu amoroso filho passou a ignorá-la.

Entendendo que ele precisava de espaço, Beatriz saiu do quarto e o deixou sozinho.



Aquele havia sido um péssimo dia.

Miguel Lins estava exausto. A banda não havia conseguido acertar o som, Juliana estava exaurida para renovação do contrato com a gravadora, um dos violões favoritos havia sido danificado no transporte e, para completar, apesar de todas as suas tentativas, Beatriz ainda não lhe dera uma resposta satisfatória.

Então, quando o telefone tocou, naquele final de tarde, e ele viu o número com prefixo do Sul, não escondeu um sorriso aliviado, como se estivesse em um deserto terrível, e agora era agraciado com água fresca.

Mas, não foi a voz de Beatriz que o atingiu. E sim, outra, amuada e infantil, que o questionou coisas que seriam difíceis explicar até mesmo para um adulto.

— Você tem uma namorada? Por que então quer ficar com a mamãe?

Seu mundo era algo completamente falso e ilusório. Sam nunca entenderia.

— Larissa é uma amiga, Samuel — explicou, como conseguiu. — Iremos nos separar em breve. Ela está apenas se organizando...

— Eu contei que é meu pai, e todos riram de mim — choramingou, e o coração de Miguel doeu.

— Eu irei com você até seus amigos e explicarei a eles, está bem?

— Então venha já!

— Estou em São Paulo para um concerto...

— Eu não preciso de você aí. Preciso de você aqui, comigo.

Miguel sorriu. Enfim, seu filho se mostrava muito parecido consigo.

— Amanhã irei, está bem? Eu juro.

O telefone emudeceu, e depois deu o sinal de que foi desligado. Sabia que Samuel havia ficado irado, mas explicar-se-ia melhor depois. Afinal de contas, tinham muito a conversar.

Capítulo 14

A C E I T A Ç Ã O

Desde o retorno de Miguel Lins a sua vida, Beatriz aguardou com certo receio o aparecimento de Larissa Brandão.

Depois do primeiro contato, a antiga paixão do cantor quebrou os medos e foi inteirar-se na *internet* em como havia sido aqueles anos para o ex-ídolo.

Logo de cara, deu-se com o nome de Larissa. Pela maneira como ele a olhava nas fotos – e sabendo o quanto ele tinha febre nos olhos quando queria uma mulher – logo entendeu que era uma relação falsa. Miguel havia lhe dito muitas vezes que tudo que fazia era por dinheiro; vendo os dois juntos, soube que era verdade.

Enfim, estava preparada. Ele já havia lhe falado aquilo, de qualquer maneira.

Porém, ainda assim, sentiu ciúmes. Da beleza, da segurança, do porte atraente, do fato da mulher poder desfilar ao lado de Miguel sem qualquer empecilho.

Não era certo, nem justo. Mas, era impossível suportar a provação.

Então, quando abriu a porta naquele dia, não ficou surpresa. Apenas, um tanto assustada. Larissa poderia ser grosseira ou agressiva e estava em seu direito. Para o bem ou para o mal, ela era oficialmente a companheira de Miguel Lins. E Beatriz era parte de um passado que já devia ter sido enterrado.

— Por favor, entre.

O perfume adocicado invadiu o ambiente. Beatriz sentiu-se zozza, mas manteve-se firme. Nada devia. Nada fizera para destruir a relação daquela loira com Miguel. Qualquer que fosse o assunto, ela se defenderia.

— Aceita um café?

— Por favor. Não estou atrapalhando? — indagou, em seguida.

— Posso me dar ao luxo de chegar tarde ao trabalho, alguns dias.

Foi para a cozinha. Samuel ainda estava dormindo, a babá que ficava com ele durante o dia chegaria dali a pouco. Esperava que tudo se resolvesse antes da jovem universitária que fazia bicos como babá aparecesse. Não precisava de fuxicos na vizinhança sobre sua vida pessoal.

— Você é diferente do que eu imaginava — Larissa murmurou. Diante do olhar espantado da outra, que havia voltado com uma bandeja e já lhe servia o café, prosseguiu: — Não, não me leve a mal. É bonita, tem presença. Mas, eu pensava em você mais como as mulheres com quem Miguel costumava ficar antes do nosso “namoro”.

Sim, ela grifou as palavras, fazendo o movimento de aspas. Beatriz ficou espantada.

— Bom, você, ao menos, é bonita ao extremo e faz seu tipo.

— Não, não... — Larissa negou. — Miguel e eu somos companheiros de trabalho. Só isso. Talvez amigos.

— E minha presença pode estragar o trabalho de vocês, não é?

— Juliana Assis, nossa assessora, me ordenou vir. Disse que eu devia convencê-la a sumir da vida dele.

— Nunca o procurei — disparou.

Larissa bebericou o café.

— Eu sei.

— Sua assessora já veio falar comigo. Pareceu ameaçadora. Mas, o que

eu posso fazer? Miguel provaria facilmente, na justiça, que é o pai de Samuel e tentaria a guarda. Eu sei que tudo está a meu favor, mas ele tem dinheiro. Vivemos no Brasil, perdoe-me por não confiar inteiramente na lei.

— Não a estou criticando.

— O que quer de mim, então?

O barulho no corredor fez ambas as mulheres olharem para a criança que surgia. Larissa sorriu. Um mini Miguel de cabelos despenteados o encarava com estranheza.

— Sam, mamãe está tendo uma conversa particular. Vá assistir desenho no quarto.

O menino retornou, e Larissa viu-se novamente alvo da atenção da outra.

— Sabe... — Larissa murmurou. — Eu fui expulsa de casa — contou algo que nunca havia dito a ninguém. — Por sorte, eu fazia uns bicos como modelo fotográfica e consegui pagar um apartamento. Foi muito difícil, então me tornei uma pessoa bem vazia, focada apenas em manter minha estabilidade financeira.

— O que quer dizer?

— Quando eu quis um namorado famoso, armamos um plano, e Miguel Lins aceitou tudo de forma complacente. Ele poderia ter se aproveitado da situação, ele era mais famoso e mais rico do que eu, e sabia um segredo que ninguém mais sequer desconfiava. Mas, ele não fez isso...

Ela riu. Beatriz permanecia séria.

— Miguel é o cara mais sádico que conheço, sem papas na língua, um tato cruel, às vezes, mas mesmo assim, ele é também bom e leal. Nunca falamos sobre isso, mas sei que ele está louco para ficar com você, nunca te esqueceu, mas ainda assim está me dando um tempo para conseguir tornar isso público sem alarde. Ele poderia simplesmente largar uma nota acabando com tudo, e te assumindo, me deixando com a cara de trouxa pra todo mundo, mas sabe que isso me prejudicaria. Eu acho essa atitude muito

honrada.

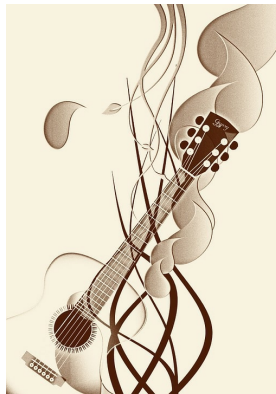
— Por que está me dizendo tudo isso?

— Porque ele te amou durante todos esses anos. Ele sempre falou de você, escreveu canções para você, e sua presença em sua vida é a demonstração de que o amor pode vencer, afinal. — Respirou fundo, e prosseguiu. — Juliana me disse para removê-la do caminho, mas eu não farei isso com Miguel. Eu quero que ele seja feliz, quero que o filho dele seja feliz e, francamente, eu também quero ser feliz. E eu ainda posso, ainda tenho tempo... Vou lutar por isso.

Levantou-se. Caminhou em direção à porta. Olhou novamente para Beatriz e percebeu seus olhos confusos.

— A vida não costuma nos dar muitas chances de sermos felizes. Não perca a sua oportunidade.

Parecia um sábio conselho. Beatriz o aceitou.



A câmera do celular não era de boa qualidade e a *youtuber* não estava maquiada o suficiente para uma sessão. Contudo, quando ela acionou o “gravar”, seu coração estava tranquilo, livre, feliz, pela primeira vez em muitos anos.

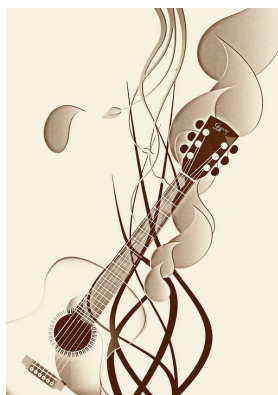
— Olá meus amores — Larissa Brandão começou, com um sorriso enorme, que dizia mais do que qualquer coisa. — Tenho algo importante para contar para vocês.

No final daquele dia, a verdade sobre a linda loira, seu relacionamento

com Miguel Lins e sua sexualidade estavam estampadas na primeira página dos maiores sites do país.

Juliana Assis ficou possessa pela atitude de Larissa. Mas, a loira nunca se arrependeria daquele passo.

A verdade era sempre o melhor caminho.



Quando Miguel apareceu, no final daquela tarde, Beatriz já sabia qual seria a atitude a tomar.

— Eu não devia aceitar — ela disse, firme, diante dele. — Você me ameaçou.

— Meu desespero falou por mim.

— Realmente voltou para tentar buscar o papel?

— Sim, tão logo percebi a estupidez do meu ato. Procurei por todo canto, mas não o encontrei. E passei os últimos cinco anos me culpando por isso.

Beatriz ouviu o barulho de um carro cruzando a rua e de uma vizinha contando alto alguma história para o marido. O tempo pareceu parar.

— Eu aceito.

— Como?

— Eu aceito ser sua esposa — disse, por fim.

Aquele foi o maior presente que ela poderia oferecer ao homem.

— E por quê? — indagou, contudo.

Aquela resposta nunca chegou a ser pronunciada.

Capítulo 15

O C A S A M E N T O E A C A N Ç Ã O

Não houve acesso da imprensa ou uma cerimônia requintada. Na verdade, a simplicidade daquele enlace poderia surpreender a todos, mesmo os que acreditavam que Miguel Lins não subiria ao altar sem gastar alguns milhões de sua enorme fortuna.

Mas, definitivamente, não precisavam. Era um fato, nem Beatriz e nem Miguel sentiam necessidade de expor o que havia sido guardado em silêncio por tanto tempo.

O juiz civil que realizou a cerimônia simples na fazenda onde Juliana criava gado era um budista praticante que decidiu dar também uma benção espiritual.

O lugar, ao norte do Mato Grosso, era quente e úmido, mas era igualmente isolado e eles conseguiram se casar sem nenhuma interferência.

A mesa pequena e arrumada havia sido posta embaixo de um velho carvalho. As testemunhas eram a assessora e a antiga namorada. Larissa, aliás, foi também a madrinha.

E, mais que todos, havia Samuel que parecia o mais animado de todos.

Não houve juras de amor, ou qualquer coisa do tipo. Houve a praticidade da lei a uni-los, e o encaminhamento do reconhecimento de paternidade. Desde o princípio era o que Miguel queria, e ele provou ser um homem que sempre luta pelos seus objetivos.

— Você me odeia? — Beatriz indagou para a mulher negra, mais tarde, enquanto comiam um pedaço de torta feita para a ocasião.

— É claro que não. Apenas, sou focada em dinheiro. Larissa me mostrou isso.

A loira estava conversando animadamente com o juiz. Aparentemente, a filha do magistrado era fã da artista, e o homem pedia uma foto e um autógrafo. Larissa amava a atenção.

— Ela é muito corajosa — Beatriz comentou, observando-a de longe.
— Eu nunca teria a coragem que ela teve.

— Sair do armário é sempre um risco — a outra concordou. — Mas, ela me disse que precisava. Diz até que consegue dormir melhor à noite depois do fato.

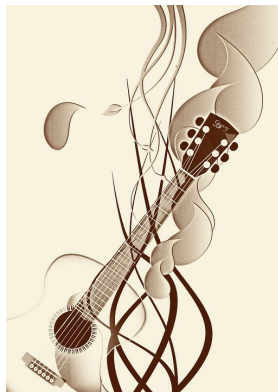
Ao longe o riso do filho fê-la desviar a atenção da outra. Observou Sam brincando nos braços do pai, feliz por enfim ter conquistado algo que todos desejavam: uma família completa.

— Eu sei que ele é difícil — Juliana murmurou, referindo-se a Miguel.
— Mas, dei-lhe uma chance.

— Já estou dando.

— Uma chance de ser seu esposo de verdade.

As palavras ecoaram em sua alma.



— Essa deve ser a festa de casamento mais parada do mundo — Larissa gritou, já havia bebido uns *drinks* a mais e estava ansiosa por animação. — Vamos lá senhor “melhor cantor do mundo” — puxou Miguel

pela mão, afastando-o do filho e o levando até o violão. — Cante para nós.

Miguel Lins estava feliz. Mais do que já havia estado em toda a sua vida. Ele encarou Beatriz ao longe e aceitou o convite.

De início, dedilhou as mãos pelo violão. O juiz e o filho se aproximaram, para assistir aquele show privilegiado. As mulheres mantiveram-se a distância, aceitando o espaço das suas primeiras notas.

“A sua pele era alva como a neve”

A voz melodiosa chegou a todos e os emocionou. Sempre tocava a quem ouvia.

“A neve que me trouxe você...”.

Bastou duas estrofes para Beatriz saber que a música era para ela. Sentiu o corpo enrijecer.

“Num pedaço de papel eu te perdi,

E a custo, e a tanto custo,

Eu tento trazê-la de volta nesses versos em dor”.

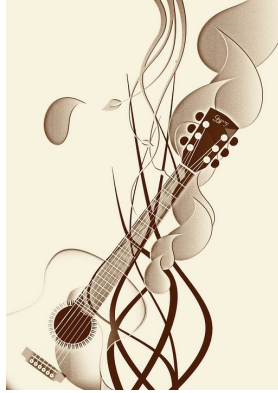
A canção prosseguiu, numa gentil lembrança de cada momento vivenciado. Era mais do que isso, era uma música que celebrava a eles, um lembrete de que, às vezes, a vida pregava peças, mas também trazia surpresas felizes.

“E tudo que quero”, o murmuro final ele destinou a Sam, *“é olhar contigo numa mesma direção”.*

Beatriz sentiu lágrimas nos olhos, mas logo elas secaram diante das palavras de Larissa em sua direção.

— Case-se com ele! — Era uma ordem clara e objetiva, como ela.

Beatriz ergueu a mão, mostrando a aliança.



— Eu ficarei no quarto ao lado — Miguel anunciou, quando a noite chegou e ambos ficaram sozinhos.

Juliana havia reservado em sua mansão uma suíte para o novo casal. Uma noite de núpcias que ambos pareciam ter aguardado há séculos.

Porém, como aquele casamento não havia sido realizado de forma normal, Miguel achou por bem dormir separado.

— Eu quero um casamento real — ele disse, antes que ela pensasse inverdades. — Mas, eu também quero esperar que esteja pronta. Eu basicamente te forcei a esse matrimônio, em muito porque meu temperamento é descontrolado, em muito porque eu nunca a esqueci...

Beatriz sorriu. De fato, ela não se sentia intimidada por ele.

— Quando você sentir-se pronta, eu estarei esperando.

Ela não foi até ele naquela noite. Precisava absorver a música que havia ouvido, e as informações recentes da forma como a vida realizou desencontros entre eles.

— Eu irei — ela avisou, e ele sorriu. — Não hoje, mas irei.

Pela primeira vez em muito tempo, eles dormiram tranquilos naquele lugar entre a floresta.

Capítulo 16

PARA SEMPRE

No dia da cerimônia de casamento, Miguel havia dito a Beatriz que eles teriam um relacionamento normal quando ela se sentisse pronta para isso. Havia muita mágoa e dor entre eles, e esses sentimentos precisavam de cura antes de tornarem-se um casal completo.

Mas, nem em seus mais loucos sonhos, ele pensou que quando adentrasse no quarto — na seguinte noite após a cerimônia — a esposa estivesse a aguardá-lo.

Ao abrir a porta, deparou-se com a figura feminina, gentil, sentada sobre a cama. Sua postura não lembrava a mulher que casou-se obrigada, e sim a antiga Beatriz, a quem ele amou mais do que tudo mesmo que por pouco tempo.

— Aquilo que disse — ela murmurou. — Na canção do nosso casamento...

— Era uma das minhas músicas secretas. Nunca teria cantado para ninguém, mas depois que a reencontrei, achei que seria bom compartilhar algo que fiz com o coração.

Ela riu.

— E não por dinheiro — completou a mulher, entendendo o recado.

— De fato. E não por dinheiro.

Beatriz se ergueu. Caminhou até o marido e alisou seu rosto, com carinho.

— Isso é algum tipo de tortura? — o tom da voz masculina deixava claro o quanto ele a queria, o quanto pensara nela, em todos aqueles anos, e

mais em cada momento que passava.

— De alguma maneira, foi uma tortura para nós dois.

Miguel não resistiu mais, não queria, não precisava. Beatriz e ele haviam feito um longo caminho até ali, repleto de percalços e duras penas. Mas, enfim, chegaram ao final daquela maratona. O louro da vitória era o amor que ambos nutriam um pelo outro.

Ele gemeu, puxando o quadril feminino contra ele.

De que maneira louca duas pessoas desconhecidas podem simplesmente se encontrarem e se perceberem completamente entregues uma a outra? O amor não devia ser algo trabalhado, dia a dia? Era o que se falavam nos livros, nas lendas, em conversas entre amigos. Mas, em sua experiência, o amor foi algo arrebatador o suficiente para apagar por vez toda a teoria.

Sua língua percorreu o caminho da orelha até o pescoço, deixando um rastro molhado e quente.

O vestido bonito deslizou pela pele de cetim. Vitorioso, Miguel puxou a gravata, arrancou o paletó, a camisa, as calças, enfim, tudo que podia separá-lo de sua alma gêmea.

Nus, enfim, ele a encarou com um sorriso que seria capaz de acender até mesmo o fogo na neve.

— O que me deixará fazer com você, Beatriz? — indagou, em um tom de voz que ele nunca havia usado, sexy e quente.

Ela riu, um tanto confusa.

— O que um marido deve fazer com sua mulher nua em um quarto?

Ele mordeu o lábio inferior, lançando um olhar de puro desejo.

— Eu quero gravar em minha mente cada pedaço de você — murmurou, febril. — Quero que se toque, quero assistir você ter prazer — ele pediu.

Aquilo era novidade. Nos dias em que estiveram juntos em Bariloche, eles faziam amor sem muita preliminar. Depois, ao se descobrir grávida, Beatriz anulou sua vida sexual. Tornou-se celibata, não por desejo, mas porque não tinha tempo de ter uma relação, por mais casual que fosse, enquanto cuidava de Sam.

— Isso é coisa para pedir a uma esposa? — reclamou, atacando-o, beijando seus lábios, sedenta. — Eu quero você dentro de mim — pediu.

— Eu também! — ele respondeu, empurrando-a novamente para a cama. — Mas, me dê esse presente.

O olhar de Miguel conseguiu tornar-se uma mistura de paixão e súplica que a atíçou. Como resistir?

De joelhos, um tanto insegura, enfim ela levou a mão até seu baixo ventre. Tocou seus pelos arrepiados, enquanto o dedo médio adentrava entre os grandes lábios de sua feminilidade. Diante dela, Miguel observava atentamente cada pedaço daquele ato, cada momento de autoconhecimento, gravando na memória todas as nuances do prazer de Beatriz.

Não tardou e a ondulação chegou. Ela estava muito excitada pela noite especial, e logo sentiu aquele prazer arrebatador a tomá-la. Miguel riu, perante a nítida timidez.

— Nunca sinta vergonha de mim — ele solicitou. — Para mim é muito prazeroso vê-la sentindo prazer... — Ergueu os dedos dela e os levou a boca, sugando-os. — Você me quer? — perguntou, provocativo.

Ela concordou mais uma vez,

— Quanto? Diga quanto... — sua voz estava rouca de desejo.

— Muito.

— Muito quanto?

— Miguel, por favor... Por favor...

Miguel estava vermelho agora. Não era embaraço, todo seu corpo

queria avançar sobre a mulher. Era nítido o desejo em seus olhos.

Então, ele tomou seus lábios. Lhe beijava com tanta vontade que estava quase lhe machucando. Beatriz sentiu o gosto de sangue nos lábios, mas não conseguia pará-lo, não queria pará-lo.

— Por favor... — as suas súplicas pareciam desesperadas.

O cantor sorriu, deitando-se sobre ela. No mundo muitos casais precisavam de artifícios para despertar o prazer. Mas, não eles. Apenas as peles já era extremamente afrodisíaco.

Beatriz o sentiu, devagar, deixando primeiro que seu corpo se equilibrasse por cima dela. Depois, começou a acariciá-lo com as mãos, deixando que ele procurasse um ritmo para essa carícia. Quando sentiu que ele conseguia se manter ali, ela usou as mãos para encaixá-lo, duro, em sua abertura. Miguel se agarrou a ela, enfiando-se com maestria.

Ficaram um tempo parados, apenas as bocas se explorando e reafirmando o que batia no peito. Então as mãos femininas seguraram com firmeza as nádegas dele, apertando-o contra si. Ele gemeu, surpreso, mas apenas lhe beijou em resposta.

— Eu te amo. — ela murmurou, entre os lábios, incapaz de esconder aquilo que fervilhava em seu coração.

— Como homem, preciso de um tempo para analisar a situação. — ele brincou.

— Ah é? — ela o segurou com as pernas, mantendo parado.

Sem poder meter e sentindo o pau doendo, ele se corrigiu rápido:

— É só brincadeira... — sorriu, docemente. — Sempre amei você.

Aquela sensação de entrega era por demais fantástica. Miguel passou a se mover sozinho, então, permitindo com que seus movimentos se tornassem cada vez mais rápidos. Quando ele se inclinou para trás, se pressionando dentro da mulher, ela esforçou-se para não gritar.

Ele apenas riu, voltando rapidamente para lhe roubar outro beijo e se inclinando novamente, fazendo-a gemer.

Como ele podia ser tão fácil quando era com ele?

Agora, estavam completamente um contra o outro, se movimentando tão rápido que não puderam mais segurar o clímax.

Jogando seu corpo contra o dele, retesando-se por alguns segundos, Beatriz deu um grito mudo, e depois desabou. Pouco depois, foi a vez dele se derramar em seu centro de mulher.

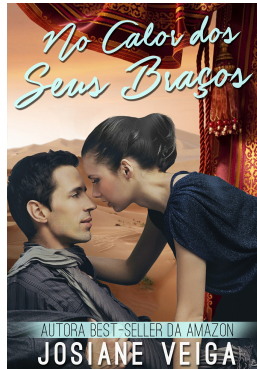
Voltaram a se beijar, numa carícia lenta e cheia de paixão.

O mundo havia voltado ao normal.

O amor havia vencido.

Definitivamente, haviam coisas que não tinham preço.

Mais contemporâneo



No deserto escaldante do Qatar, eles aprenderam a se amar...

Rosário Guerra acreditava na premissa de que almas gêmeas eram espelhos uma da outra. Aos vinte e nove anos, virgem, completamente invisível aos olhos de todos, ela mantinha uma fagulha acesa de esperança de um dia conhecer alguém, apaixonar-se, constituir uma família e ser feliz.

Não sabia, claro, que a felicidade era um árduo caminho pelo deserto do coração de um homem que, primeiramente, em nada se assemelhava a ela.

Porém, Darius Hayek escondia mais do que seus olhos verdes pudessem expressar. O passado de rejeição, a autodestruição e o fogo de uma alma indomável, enfim, pareceu completar a de Rosário.

Ambos, figuras tristes, cada um ao seu modo, num mundo que os arrasou em dor.

O amor poderia curar suas feridas, mas para isso eles precisavam aceitar que haviam, enfim, se encontrado. Almas gêmeas que haviam passado toda a eternidade a se buscar.

DEMAIS LIVROS DA AUTORA



Curta a página no facebook e conheça todos os livros.

<https://www.facebook.com/JosianeVeigaOficial>

Josiane Biancon da Veiga nasceu no Rio Grande do Sul. Desde cedo, apaixonou-se por literatura, e teve em Alexandre Dumas e Moacyr Scliar seus primeiros amores.

Aos doze anos, lançou o primeiro livro “A caminho do céu”, e até então já escreveu mais de vinte livros, dos quais, vários destacaram-se em vendas na Amazon Brasileira.



^[1] História verídica.

^[2] Kinshi na Karada